

Coleção Judaísmo

O Que é a Bíblia - 1ª parte

A. MENES

Tradução de BERNARDO SCHULMAN

Introdução

1. O caráter peculiar da literatura bíblica
2. A Bíblia e o antigo mundo civilizado

A literatura e a vida na época bíblica

1. Poetas, ouvintes e leitores
2. Literatura mágica
3. Literatura de corte
4. Documentos, leis
5. Literatura histórica e política
6. Literatura popular
7. Literatura de sabedoria e outras formas literárias

O texto e as fontes dos livros bíblicos

1. O texto do Velho Testamento
2. As fontes dos livros bíblicos
3. As camadas do Pentateuco

História da literatura bíblica

1. As canções bíblicas mais antigas
2. O romantismo bíblico
3. Os livros dos profetas
4. Literatura histórica e legislativa no tempo do cativeiro babilônico e do Segundo Templo
5. Literatura profética no cativeiro da Babilônia e na época do Segundo Templo
6. Lírica litúrgica
7. Literatura de sabedoria
8. Apocalipse

Apêndice

1. A literatura pós-bíblica até a época da Mishná

Introdução ao estudo da arqueologia bíblica
(Fontes não-Judaicas)

1. Introdução
2. Babilônia e Assíria

3. Egito
4. Esfera cultural sírio-palestina
5. Esfera cultural heleno-romana

Introdução

O CARÁTER PECULIAR DA LITERATURA BÍBLICA

A antiga literatura judaica teve uma sorte toda especial. O "Tanach", o Velho Testamento, em que se acha coligido tudo que nos ficou da intitulada época bíblica, tornou-se o livro - a "Bíblia" - tanto do mundo judaico como do mundo cristão. Por espaço de muitos séculos, foram os povos cultos da Europa educados nas "Escrituras Sagradas". Influência excepcional também têm exercido as tradições e imaginações religiosas da Bíblia sobre o mundo muçulmano. Até os dias presentes, é ainda o "Tanach" o livro mais difundido e mais lido no mundo inteiro, e pode-se afirmar sem exagero que não existe quase um idioma em que a Bíblia não seja lida. Pela sua atuação mundial-histórica, ocupa, portanto, a Bíblia, um lugar bem especial e, neste particular, quase não tem par em nenhuma outra obra da literatura universal. Desta forma podemos perguntar: aplicar-se-iam as normas gerais, da história e pesquisa literária, também à Bíblia? Pode-se, em geral, falar em "literatura bíblica", em "história de letras bíblicas"? Parece-nos que hoje em dia já podemos dar resposta afirmativa a essas interrogações. Está claro que nem por isso devemos perder de mira a enorme distância que nos separa da época bíblica e o cunho todo particular das Escrituras Sagradas. Não pode porém haver a menor dúvida de que o efeito dos livros bíblicos não se produziu somente em virtude de seu conteúdo, senão também pela sua forma, e que sem as suas peculiares qualidades literárias, o "Tanach" mal poderia encontrar tão formidável ressonância. Não foi por mero acaso que o estilo e os motivos bíblicos tenham exercido tão poderosa influência mesmo sobre a literatura laica dos povos modernos, e que a linguagem do "Tanach" tenha apelado para a alma de tantos homens e tantas gerações.

Não se pode compreender a Bíblia se não se possui a habilidade de perceber a singular arte literária de seus poetas e pensadores.

Essa grandiosa obra literária, que costumamos designar pelo nome Bíblia, representa atualmente para nós o conjunto da vida espiritual e das criações do povo hebreu, durante todo um milênio. Aqui temos, portanto, diante de nós a velha literatura judaica, nas suas mais variadas formas e aspectos; por aqui chegaram até nós as produções literárias de diversos círculos e de várias gerações.

Em sua forma atual, consta o "Tanach" de vinte e quatro livros, agrupados em três seções: Torá (Pentateuco), Neviim (profetas) e Quetubim (os demais livros do Velho Testamento).

Foram admitidas na Bíblia somente as "Escrituras Sagradas", isto é, só aqueles livros que, segundo a tradição, foram escritos pela profecia ou pelo espírito sagrado. Foram, portanto, excluídos, por princípio, não só todas as obras literárias de caráter secular, senão ainda livros de fundo religioso, desde que fossem considerados apenas como produto do espírito humano, sem direta inspiração divina. Por felicidade, os que compilaram e redigiram as Escrituras têm sido relativamente liberais na escolha dos livros e, de um modo geral, levaram em consideração não somente o conteúdo, como também a personalidade do autor, real ou convencionado. Desta forma, ficou preservada grande parte da mais antiga, no fundo leiga, literatura histórica, grande número de contos folclóricos, aforismos, cantigas, canções de amor (o Cântico dos Cânticos), etc. E posto que o "Tanach" constitua apenas uma seleção de escritos e fragmentos da literatura judaica, dão-nos os livros bíblicos, pelo menos em suas linhas gerais, uma visão sobre a vida espiritual do povo judeu na época bíblica.

A BÍBLIA E O ANTIGO MUNDO CIVILIZADO

No início do século passado (*) era ainda o Pentateuco geralmente reputado obra muito antiga, senão a mais antiga de todas as obras da literatura universal. Hoje em dia sabemos que os judeus pertencem aos mais jovens povos cultos do antigo Oriente, e que não se pode comparar, quanto à linhagem histórica, nem com o Egito e nem com a Babilônia. Conforme nos mostram as descobertas arqueológicas, os filhos de Israel muito aprenderam com os seus vizinhos mais velhos, e a própria Bíblia não está isenta de influências estranhas.

(*) Esta coleção foi editada em 1962.

Citam-se no "Tanach" frequentemente os eruditos do oriente e os sábios do Egito. Mais extensamente refere-se o Pentateuco ao lendário vidente estrangeiro Balaão. Também não pode haver mais dúvida de que tal como a rainha de Sabá viera, segundo a lenda bíblica, de terra bem remota, para ouvir a sabedoria de Salomão, também os judeus iam ao estrangeiro para ouvirem os sábios não judeus de fama mundial. Não há a menor dúvida de que artistas, trovadores e poetas de outros países eram vistos nas costas de Jerusalém e Samária. Entretanto, não podemos enquadrar os livros bíblicos, nem quanto à ideia e nem quanto à forma, no panorama literário do velho Oriente. E convém aqui recordar que justamente as partes mais importantes da Bíblia (como os livros dos profetas, as narrativas do Pentateuco, Job, etc.), até os dias presentes, ainda não encontraram seu similar na literatura de outros povos do Oriente.

Precisamente na época em que os judeus começaram a distinguir-se como povo soberano, com própria vida política e espiritual, toda a região cultural do velho Oriente sofrera uma profunda revolução política e econômica, que transformara radicalmente o aspecto do mundo antigo.

No fim do segundo milênio a.e.c. processa-se a transição da idade do bronze para a idade do ferro, o que também abre uma nova página na vida espiritual do antigo mundo. Para o primeiro plano vêm agora avançando, cada vez mais, os países do Mediterrâneo: Palestina, as ilhas do mar Egeu, a Grécia e mais tarde a Itália.

Os vales férteis da Mesopotâmia e ao longo do Nilo vão perdendo, aos poucos, a hegemonia política e social no velho mundo. A liderança passa para os "países de chuva", os quais devem a sua fertilidade ao "Nilo de cima", segundo se expressa no seu notável hino de louvor ao sol, o faraó Echnaton.

A Síria e a Palestina pertencem, sob aspecto cultural-histórico, como aliás também o confirmam as descobertas arqueológicas, não ao velho Oriente, senão à esfera cultural do Mediterrâneo.

Explica-se assim o motivo por que encontramos na antiga Grécia uma série de surpreendentes analogias com o desenvolvimento do antigo Israel.

O conhecido historiador, Eduardo Mayer, já chamara a atenção para a vasta afinidade ideológica entre os contos de Gênesis acerca dos tempos felizes do Éden e as tradições gregas a respeito da "Época Áurea". Ainda mais surpreendentes são a semelhança espiritual e a proximidade no tempo entre a Reforma de Josias (621) e a legislação de Solon (600).

Desde o século doze antes da era cristã, a influência espiritual da Babilônia e do Egito vem declinando cada vez mais. Mesmo as vitórias dos monarcas assírios, que atingiu até as beiras do Nilo, em nada modificaram a situação. Precisamente no século oito a.e.c. teve início a expansão da língua aramaica e a escrita hebreu-fenícia, que aos poucos foram dominando toda a área civilizada do Velho Oriente. A vida espiritual nas grandes monarquias havia-se estagnado sob a pressão dupla da longa tradição e da máquina burocrática governamental.

Desde o começo da idade do ferro vêm-se pondo cada vez mais em evidência os povos jovens e os Estados pequenos, que têm a seu crédito as maiores realizações em todos os setores da vida espiritual. Foram os povos pequenos que tornaram possível o reflorescimento de uma livre literatura popular, independente da tutela da administração governamental e da casta sacerdotal. Sobremaneira ilustrativo neste particular é o fato de que o surgimento do poderio universal da Grécia, nos tempos de Alexandre o Grande, causou não somente o desaparecimento da liberdade política daquele país, como também o grande declínio na vida espiritual. A liberdade política constituía o solo comum, onde brotavam e medravam tanto os livros bíblicos como as obras dos clássicos gregos. E não foi, portanto, por mero capricho histórico que a herança de Jerusalém e Atenas se tornara o fundamento da moderna cultura europeia, ao passo que as literaturas babilônica e egípcia, já na antiguidade estavam quase completamente esquecidas; o motivo foi o mesmo.

Outro fator relevante, que influenciou de maneira a mais poderosa a vida espiritual de Israel e Judá, e que também contribuiu para o colorido original da literatura bíblica, foi o Monoteísmo.

A ausência de um Panteão de deuses foi o motivo para que a literatura se libertasse totalmente de elementos mitológicos. Faltam, portanto, na Bíblia as cenas grotescas da vida dos deuses e das suas lutas, o que encontramos com tanta frequência na antiga literatura do Oriente. Aqui, os deuses tinham que ceder lugar para os simples mortais, e graças a isso, a literatura bíblica tornara-se mais humana e mais real.

Mas, a ideia também atua sobre a forma. Os autores da Bíblia viram-se forçados a utilizarem-se de outros meios de expressão, para impressionar convenientemente o leitor.

É preciso ainda ter presente que na vida religiosa dos hebreus - pois a literatura em toda a antiguidade era fortemente vinculada ao culto - faltava a arte plástica. A funda impressão das imagens dos deuses sobre o crente devia necessariamente substituir-se pelo efeito da palavra. É essa incontestavelmente uma das razões por que a arte da palavra entre os hebreus, na época bíblica atingira um grau tão elevado.

A Literatura e a Vida na Época Bíblica

POETAS, OUVINTES E LEITORES

Os autores bíblicos tinham em mira mais o ouvinte que o leitor, e uma considerável parte das cantigas e narrativas das Escrituras Sagradas têm sido transmitidas oralmente antes de tomarem o seu aspecto gráfico. Mesmo na época do Segundo Templo, quando a arte de ler e escrever já era relativamente bem difundida, a literatura oral sempre ocupava lugar de destaque, como nós sabemos pelos ensinamentos orais dos fariseus, que sem dúvida preservaram muitas tradições antigas do povo.

Mas a arte de escrever já era conhecida dos judeus em tempos bem remotos, e relativamente muito cedo já era utilizada para fins literários. Via de regra empregava-se a escrita quando se considerava importante fixar uma coisa para as gerações vindouras: "Vai pois agora, escreve isto numa tábuá perante eles, e aponta-o num livro, para que firme até o dia último, para sempre e perpetuamente" (Isaías 30,8). Utilizava-se, outrossim, a escrita quando se dirigia a um destinatário que vivesse longe do autor (literatura epistolar). O termo "sefer", como é notório, designa em hebraico simultaneamente carta e livro.

Mesmo a literatura escrita não era lida para si, senão recitada ou declamada. Pois "queró" em hebraico significa ler em voz alta, chamar. É ilustrativa neste particular, a expressão: "E naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e dentre a escuridão e dentre as trevas verão os olhos dos cegos" (Isaías 18,29).

Já no fim do Primeiro Templo, o livro, que tinha forma de um rolo, constituía fator altamente importante na vida popular. As orações dos profetas eram difundidas, feito boletins políticos. As partes históricas da Bíblia e as leis mais antigas do Pentateuco eram usadas como matéria de leitura e de ensino para adultos e, principalmente, para a juventude. Foi só na época do Segundo Templo que os israelitas se tornaram "o povo do livro", e o autor de Eclesiastes já se queixa até de se terem escrito livros demais: "Fazer muitos livros, sem limite". A literatura é produzida pelo escritor, mas também pelo leitor.

Quem foram os escritores e quem foram os ouvintes e leitores no antigo Israel e em Judá? Em que ocasiões cantava o povo? Quem foi que conservou as antigas tradições populares, as lendas e os adágios?

Em que circunstâncias e condições de vida surgira e se desenvolvera a antiga literatura hebreia?

A Literatura e a Vida na Época Bíblica

LITERATURA MÁGICA

A palavra possui, segundo a crença do homem primitivo, um poder mágico. Mas, tem que ser naturalmente a palavra verdadeira, a formação exata do pensamento. Há, sem dúvida, grão de verdade na tese do que o estilo literário tem a sua origem no pensar mágico. Pois não basta a linguagem comum da vida quotidiana, quando se pretende exercer efeito em forças sobrenaturais.

É verdade que textos puramente sortilégios se encontram na Bíblia relativamente bem raro. Temos, porém, fortes razões para admitir que os hebreus também se utilizavam frequentemente de canções mágicas, conjurações, textos místicos contra doenças e espíritos maus, etc. A que ponto, nem o rigoroso monoteísmo do posterior período bíblico pôde libertar-se desse mundo misterioso, prova o cerimonial da "desviada" (Números 5), isto é, o ritual que se aplicava a uma mulher, sobre quem recaíra a suspeita de se ter tornado infiel ao marido. Leva-se a esposa ao Templo, onde o sacerdote pronuncia perante ela uma conjuração, cujo texto escreve num "sefer", raspando-o depois para dentro de água, e dando a água à mulher para beber: ("Depois o sacerdote escreverá essas mesmas maldições num livro, e com a água amarga as apagará. E a água amarga amaldiçoada dará a beber à mulher"). O ingerir de textos escritos, provavelmente dum modo simbólico, menciona-se até em Ezequiel 3: - "Come este rolo, e vai, fala à casa de Israel". Restos deste gênero de literatura encontram-se na Bíblia, nas bênçãos e maldições sobre povos e tribos, textos geralmente atribuídos a célebres personalidades da antiguidade.

O povo acredita que o efeito produzido por essas bênçãos e maldições perdura durante gerações e por isso continua sempre a renová-las, para desfrutar o poder mágico das bênçãos, e aniquilar o inimigo através das maldições.

Aos melhores exemplos de literatura mágica pertencem as bênçãos de Jacó e Moisés, e os ditos visionários, atribuídos ao vidente não judeu Balaão.

A linguagem arcaizante, bem como as expressões confusas de sentido múltiplo são inerentes ao estilo de encantamento. A literatura mágica também se pode, em parte, acrescentar o vaticínio oracular, utilizado em algumas passagens da Bíblia, para interpretar o destino de povos e países. Exemplo de vaticínio oracular encontramos na resposta dada a Rebeca, quando por motivo de sua penosa gravidez fora "procurar" interpretação divina:

"Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas. E um povo será mais forte que o outro, e o maior servirá ao menor".

(Gênesis 26,23)

A literatura mágica era cultivada mormente nas rodas sacerdotais, mas sempre encontra forte eco no meio do povo, introduzindo-se na vida quotidiana em forma de cumprimento, saudações, juramentos, etc.

LITERATURA DE CORTE

Não menos importante para a formação de um estilo artístico, e muitas vezes também artificialmente perifrástico, era a corte do rei e do príncipe. Nas cartas e petições ao monarca rende-se em primeiro lugar a devida homenagem ao monarca e não raro empregam-se a seu respeito frases que geralmente se usam nas preces a D'us. A escrita deve impressionar – e, portanto o escrever na antiguidade não constituía simples ofício, senão uma grande arte.

O termo "Sofer", em hebraico, significa ao mesmo tempo secretário e escritor - "homem de letras".

Quando um poeta quer elogiar a sua arte, diz: "Minha língua é como a pena de um escritor ágil". Na corte real cultivava-se especialmente a poesia; duma refeição real também fazem parte a música e o canto. No rol dos "presentes" e reféns, que o rei Ezequias enviara para o rei da Assíria, também se mencionam cantores e cantoras. Os poetas do palácio naturalmente decantam em primeiro lugar a grandeza da dinastia e os feitos heróicos do monarca.

Algumas canções régias, que nos dão uma ideia sobre a poesia de corte no antigo Israel, até foram preservadas na Bíblia. (Salmos, caps. 2, 21, 45, 72, etc.). O capítulo 2 de Salmos, foi, pelo que parece, especialmente criado para a coroação de um novo soberano. O rei é aqui apresentado, a antigo exemplo oriental, como filho de D'us, destinado a tornar-se o soberano do mundo: "O senhor me disse: Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede-me e eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão". No salmo 45, saúda o poeta o jovem par real por ocasião do seu casamento. Uma noção do ideal popular de um rei fornece-nos a canção real do salmo 2, 72:

"Ó D'us, dá ao rei os teus juízos, e a tua justiça ao filho do rei. Ele julgará ao teu povo com justiça, e aos teus pobres com juízo. Dominará de mar a mar, e desde o rio até as extremidades da terra. Aqueles que habitam no deserto se inclinarão ante ele, e os seus inimigos lambeirão o pó".

Aparentemente aqui também estamos diante de uma canção produzida em homenagem à coroação de um novo soberano.

Da corte real chega o estilo mais refinado ao povo. Dessa maneira o surgimento da monarquia deu impulso à literatura hebreia, e daí o fato das gerações posteriores terem atribuído tudo, que se relaciona com sabedoria e poesia, aos soberanos judeus mais afamados, David e Salomão.

O respeito pelo patrimônio literário ainda era bem pouco desenvolvido na antiguidade, e tudo aquilo que os trovadores e poetas produziram, não só em Israel, como também nos outros países orientais, tem ido por conta dos monarcas.

Também na vida cotidiana toma o povo da corte as suas "cortesias". Assim, por exemplo, cumprimenta Abraão seus hóspedes nos seguintes termos: "Meu senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo".

Nas canções de bodas, o noivo é cantado como príncipe e a noiva, como princesa. Em geral, porém, ficou muito pouco desse gênero literário no antigo Israel. Os profetas e seus discípulos, como é sabido, faziam forte oposição à monarquia e era, portanto, natural que cantigas tais, em que o rei é exaltado como filho carnal de D'us, não fossem muito de seu agrado. Neste particular são muito instrutivas as partes históricas da Bíblia, onde há completa ausência de relatórios régios, nos antigos moldes orientais, em que o rei relata e perpetua para as gerações futuras os seus feitos e as suas vitórias.

DOCUMENTOS, LEIS

À literatura "oficial", aliás, também pertencem os textos documentários, as leis, atas de processos, etc. O uso de fixar por escrito transações comerciais, acordos particulares ou políticos, testamentos, divórcios, etc. é muito antigo e também é mencionado na Bíblia.

Atenção particular, tanto do ponto de vista cultural-histórico quanto literário, merecem as coleções das leis bíblicas.

Diferentemente do árido e formal estilo jurídico, tão característico das antigas leis babilônicas, assírias e hititas, usam geralmente os autores bíblicos uma linguagem popular e cordial; não se consideram codificadores a escreverem para juristas, senão professores e educadores, que visam de preferência o simples homem do povo, e a ele se dirigem. Na coletânea mais antiga das leis

bíblicas, ainda se conserva, na maioria dos casos, a formulação jurídica. As leis começam usualmente por "qui" (se): "Se algum boi escornear homem ou mulher". Cada caso é formulado na terceira pessoa: "Se alguém cometer isto ou aquilo, merecerá este ou aquele castigo". Mas já no "Sefer Habrit" encontramos leis, redigidas na segunda pessoa: "Se tu comprares um escravo, um hebreu". Muitas vezes julga o legislador indispensável motivar suas exigências:

"Seis dias farás os teus negócios, mas no sétimo descansarás: para que descanse o teu boi, e o teu jumento, e para que tome alento o filho da tua escrava, e o estrangeiro".

Aqui já temos a transição para o estilo retórico, pode-se dizer predical, do livro Deuteronomio, assunto que ainda havemos de abordar, à parte.

O legislador é particularmente cordial quando se trata de disposições a favor dos fracos e pobres:

"E, quando teu irmão empobrecer, e as suas forças decaírem, então sustentá-lo-ás... não tomarás dele usura nem ganho; mas do teu D'us terás temor, para que teu irmão viva contigo".

Este estilo humaníssimo das leis bíblicas não tem paralelo em toda a literatura do velho Oriente.

A influência da "praça pública" (rehab), onde geralmente tiveram lugar as deliberações públicas, bem como as sessões do tribunal, nota-se claramente, até mesmo na "dependente" literatura oficial. É que o pulso da vida pública batia tão forte, no antigo Israel e em Judá, que tanto a burocracia governamental como os sacerdotes tinham sempre de tomá-la em consideração.

Isto naturalmente se refletia não apenas sobre o conteúdo, como também sobre o estilo dos documentos oficiais.

Mas, a maior parte da Bíblia consiste em literatura "livre". Tanto os escritores como os leitores permanecem à margem, e até se acham em oposição contra os círculos governamentais e a hierarquia sacerdotal. Mesmo a literatura religiosa foi na maior parte produzida por autores alheios aos "Serventes do Santuário". Na qualidade de leitores e ouvintes, eles também visavam antes de tudo o homem do povo. Por outro lado, há na Bíblia completa falta daquela espécie de literatura, que se destina a uma determinada roda restrita.

LITERATURA HISTÓRICA E POLÍTICA

Os livros históricos, aos quais também pertence o Pentateuco, formam a espinha dorsal da literatura bíblica, e também em quantidade ocupam quase a metade das Escrituras. O amplo interesse pela história do povo é característico

até dos demais livros bíblicos, como sejam os Profetas, parte dos Salmos e outros.

A historiografia bíblica, porém, destaca-se não somente pela quantidade de espaço que toma na criação literária de Israel e Judá, como também pela sua qualidade. Um dos melhores pesquisadores da literatura bíblica, Herman Gunkel, já observou a este respeito com acerto: "A historiografia bíblica não tem similar em todo o Oriente velho. O segredo deste feito singular de Israel consiste em que, além de seu excepcional pendor para a arte da palavra, jamais o seu povo, na sua melhor época, suportara o jugo dos déspotas e o domínio sacerdotal". A historiografia bíblica, em sua grande maioria, está isenta das tendências dinásticas, apesar de não lhe serem, de maneira alguma, indiferentes os problemas da vida social e política.

As narrativas de Samuel acerca do reinado de David dão-nos uma viva imagem das condições gerais em Israel, naquela época. Também os personagens isolados são aí desenhados com realismo extraordinário; são gente em carne e osso. Na descrição do levante de Absalão, nem há vestígio de alguma intervenção sobrenatural. Essas narrativas, bem como muitas passagens do livro de Reis, podem ser colocadas no mesmo nível com os melhores modelos da historiografia grega, e ainda surpreender o leitor moderno pelo seu senso realístico em face dos problemas da história e da política.

Exemplo de literatura de propaganda puramente política fornece-nos a parábola de Jotam (Juízes 9); As árvores foram eleger um rei sobre si. Oferecem o reino a oliveira mas ela não aceita a coroa. "Deixaria eu a minha gordura, que D'us e os homens em mim prezam, e iria a labutar sobre as árvores?" A mesma resposta dão a figueira e a videira. Não tendo outra alternativa, as árvores dirigem-se ao espinheiro. O inútil do espinheiro aceita a coroa e torna-se rei sobre as árvores.

A moral está evidente: Só um vadio presta-se para rei.

A literatura bíblica é, pela sua própria natureza, uma literatura nacional. Não só os autores dos livros históricos, senão também os profetas e os poetas religiosos, têm sempre em mira o povo todo. Mesmo quando os legisladores falam ao indivíduo, eles pensam no povo todo, e repetidas vezes a ele se dirigem diretamente, no plural e no singular (Ouve, ó Israel).

Uma exceção neste sentido abrem apenas os livros de sabedoria, como sejam: Provérbios, Job, Eclesiastes, os quais visam de preferência o indivíduo.

A preocupação com o destino do povo, o interesse pelo passado da nação, o senso de responsabilidade nacional, a tal ponto dominam toda a literatura bíblica que, muitas vezes, os autores apresentam a coletividade nacional não em acepção abstrata senão como personagem real e viva.

Os profetas usam frequentemente as expressões "filha de Israel", "filha de Sion", "Israel", e semelhantes. Oseas e Jeremias imaginam as relações entre povo e D'us tal como entre marido e esposa. Esta sublimada ideia nacional dos profetas enquadra-se dentro da concepção do Monoteísmo ético, que é universal em sua essência.

As lutas políticas e religiosas em Israel introduziram um tom novo na literatura bíblica, o qual encontrou a sua maior expressão nas "palavras" dos profetas. Conduz isso à formação de um estilo retórico - propagandista. Para tanto, era necessário uma dose mínima de liberdade política e uma certa independência para com a tradição.

LITERATURA POPULAR

Conforme já foi evidenciado, foram também preservados nas Escrituras Sagradas restos da antiga literatura secular. Repetidas vezes citam-se na Bíblia ditos populares, tais como: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram?"; "não se gabe quem se cinge, como aquele que se descinge", etc. Igualmente mencionam-se com frequência na Bíblia canções, enigmas, parábolas e que-tais. A poesia na antiguidade é vinculada ao ritmo da vida. O lavrador "conduz as rezes" com canto (Ben Sira). Os pastores cantam, quando bem sucedidos na procura de água no deserto. Um modelo de cantiga de poço encontramos no Pentateuco (Números 21):

"Sobe, poço, cantai dele:
Tu, poço, que cavaram os príncipes,
Que escavaram os nobres do povo,
E o legislador com os seus bordões."

Grande alegria, ligada à música, canto e dança, proporcionava o recolher dos produtos da lavoura: "Todos se alegrarão perante ti como se alegram na sega" (Isaias 9,3).

A colheita das vinhas, a lida nos lagares: "E já nas vinhas não se canta, nem júbilo algum se faz; já o pisador não pisará as uvas nos lagares; já fiz cessar os júbilos", etc.

A canção acompanha o homem, não apenas no serviço, como também na vida familiar; quando nasce uma criança, quando esta é desmamada e, sobretudo, por ocasião de casamentos. Muitas vezes, quando chegam hóspedes, celebra-se a recepção solenemente, acontecendo a mesma coisa na despedida. Labão reclama porque Jacó fugiu ocultamente e não o fez saber: "para que eu te enviasse com alegria, e com cânticos". Em muitos contos da Bíblia vê-se que não somente nos palácios reais, mas também nas particulares festas familiares usava-se convidar cantores e músicos profissionais.

Como acontece em toda parte do mundo, também em Israel era o amor tema bem apreciado dos cantores e poetas. As canções de amor certamente também

encontraram ali forte ressonância, como se verifica em Ezequiel 32 e 33, quando D'us se dirige ao profeta:

"E eis que tu lhe és como uma canção de amores, de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra".

Em Isaias achamos uma canção irônica sobre uma prostituta:

"Toma a harpa, rodeia a cidade, ó prostituta, entregue ao esquecimento; toca bem e canta e repete a ária, para que haja memória de ti".

Canto e música, como se vê, faziam parte da profissão dessas mulheres.

Uma coleção admirável de canções de amor da época bíblica temos no Cântico dos Cânticos. Os poetas revelam muita arte, tanto na descrição dos dotes físicos dos bem-amados, quanto na transmissão de seus sentimentos íntimos:

"Eu estava dormindo, mas o meu coração vigiava: eis a voz do meu amado, que estava batendo: abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha".

Ou então:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, que se achardes o meu amado, lhe digais que estou enferma de amor".

Artisticamente admiráveis são as metáforas tomadas, em sua maior parte, da vida animal e vegetal. A natureza ocupa de regra o ponto central nas canções de amor do Cântico dos Cânticos:

"Levanta-te, amiga minha,
Formosa minha e vem.
Porque eis que passou o inverno:
A chuva cessou e se foi,
As flores se mostram na terra,
O tempo de cantar chega,
E a voz da rola se ouve em nossa terra;
A figueira brotou os seus figuinhos,
E as vides em flor dão o seu cheiro.
Levanta-te, amiga minha, formosa minha e vem".

Entre canções de amor e canções de bodas nem sempre se deixa estabelecer uma nítida linha divisória. Não pode haver dúvida de que a maioria das canções dos Cânticos foram cantadas em casamentos ("A voz do noivo e a voz da noiva").

Tal canção de noivos apresenta-nos, aparentemente, o capítulo 2 de Cântico dos Cânticos:

Noivo:

Qual o lírio entre os espinhos
Tal é a minha amiga entre as filhas.

Noiva:

Qual a macieira entre as árvores do bosque
Tal é o meu amado entre os filhos.

Encontram igualmente a sua expressão na literatura os acontecimentos tristes, tanto na vida particular como na vida coletiva.

Em casos de morte, lamentadores profissionais costumavam chorar o morto. Por ocasião da morte de personalidades famosas, os cantores criavam canções especiais.

Assim ficou conservada a Lamentação sobre Saul e Jonatan (II Sam. 1), a qual pertence às mais vigorosas criações da Bíblia. Nas Crônicas citam-se Lamentações, recitadas por Jeremias depois da morte de Josias.

Às vezes, os poetas também usavam o estilo lamuriante em suas orações de admoestação (coteje-se Amós 5): "Ouvi esta palavra, que levanto sobre vós uma lamentação, ó casa de Israel".

Uma coleção de canções nacionais de pesar ficou preservada nas Lamentações de Jeremias.

A esse respeito cumpre mencionar ainda as solenidades mitológicas de pesar, em homenagem aos falecidos deuses (culto de Tamuz), remanescentes de imaginações religiosas anteriores muito difundidas no mundo antigo, e que encontramos também em Israel. Ezequiel narra: "e eis que ali estavam mulheres assentadas, chorando o Tamuz". É provável que no ritual, assim como na literatura das solenidades judaicas de pesar, fossem também admitidos elementos desse culto pagão de Tamuz.

As canções nacionais são ligadas principalmente a acontecimentos importantes da vida do povo, como sejam a unção de um rei novo, a guerra, o regresso de uma guerra, etc. As canções reais já mencionamos acima. As canções guerreiras são em parte, também cantadas em virtude de seu efeito mágico, como por exemplo as canções de Balaão, e a canção citada em Números 10, 35:

"Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os aborrecedores".

Quando os gloriosos guerreiros retornam da guerra, as mulheres recebem-nos com canto e música. Mulheres são também citadas como poetisas de canções

guerreiras e triunfais (Débora, Miriam). As canções nacionais de triunfo, assim como as canções nacionais de pesar, já foram, ao que parece, especialmente colecionadas ainda nos tempos antigos, e provavelmente cantadas nas festas populares, nas paradas militares, etc. A Lamentação sobre Saul e Jonatam, conta o autor de Samuel, fora cantada, "para ensinar a guerra aos filhos de Judá": pertencia ela à coletânea de Sefer Haiashar.

Cita-se também na Bíblia outra coletânea de canções nacionais, sob o nome de "Sefer Milhamot Jehová".

LITERATURA DE SABEDORIA E OUTRAS FORMAS LITERÁRIAS

Lugar de destaque ocupa na Bíblia a literatura de sabedoria. Os sábios são em regra conselheiros, educadores de moral. Mas, em contraste com os profetas, a maioria dos sábios não são portadores de ideias novas, senão adeptos dos princípios morais conservadores da classe média, da cidade e do campo. É geralmente a moral do "áureo caminho médio", que se prega na antiga literatura de sabedoria (Provérbios, Ben-Sira). Na maior parte usa-se a forma do breve e conciso adágio, e por vezes, o sábio mestre expõe os seus pensamentos numa preleção mais extensa. Nos tempos remotos encontramos os sábios nos palácios reais. Mais tarde, o ensino da sabedoria, isto é, as corretas normas de vida e as boas maneiras, tornam-se assunto popular. Os sábios fazem-se mestres do povo, apresentam-se em público, nos mercados, nas praças públicas e às portas da cidade: "A suprema sabedoria altamente clama fora: pelas ruas levanta sua voz".

A literatura de sabedoria é, por sua própria natureza, universal, e os ensinadores erravam de cidade em cidade, de país em país (Ben-Sira), motivo por que tanto se nota na literatura bíblica de sabedoria a influência das culturas estrangeiras. Sabemos hoje que os autores dos Provérbios utilizavam-se em parte de fontes egípcias. As escavações de Elefantina demonstraram que os colonos judaicos do sul do Egito liam os "Provérbios de Achicar", procedentes sem dúvida de um ambiente cultural não judaico.

Por outro lado, a serena narrativa épica é relativamente pouco representada na literatura bíblica. O próprio conto idílico de Ruth, a única narrativa, em que se descreve amplamente a vida rural judaica, constitui um escrito tendencioso.

Deve-se, porém, confessar que o artista revelou ali a capacidade de ocultar a tendência e logrou produzir uma verdadeira obra de arte. O que falta absolutamente na Bíblia é o drama.

É inteiramente falso considerar, como o fazem alguns eruditos, obra dramática o Cântico dos Cânticos, onde não há nem sequer vestígios de ação dramática. A ausência da forma dramática na literatura bíblica relaciona-se, certamente, em parte, com a carência de tradições mitológicas.

Como é sabido, as representações dramáticas, nos tempos antigos, ligavam-se, na maioria dos casos, aos acontecimentos no mundo dos deuses. Por outro lado, é fortemente representada na literatura bíblica a disputa, o diálogo. (A disputa entre D'us e o povo, entre D'us e o profeta, entre Job e seus amigos).

Possuímos, portanto, nos remanescentes da antiga literatura judaica, testemunhas de uma vida espiritual amplamente ramificada no antigo Israel.

Alguns dos mais importantes ramos da literatura bíblica como sejam os livros dos profetas, as narrativas do Pentateuco, e a lírica religiosa, temos aqui mencionado só brevemente em virtude de ainda havermos de abordá-los de uma maneira mais extensa nos capítulos que se seguem.

Os poetas, cantores e escritores bíblicos pertenciam às mais variadas rodas do povo: Sacerdotes e levitas (mormente na época do Segundo Templo, quando existiam no templo famílias inteiras de bardos), membros de famílias aristocráticas (como o profeta Isaias e, sem dúvida, também o autor da história de David) e homens comuns do povo (como o pastor Amós).

Também é variado o caráter das criações literárias: canções eróticas, canções de vinho, amplas dissertações históricas e filosóficas, lírica religiosa, livros de sabedoria e assim por diante.

Para que possamos ter uma ideia mais concreta acerca das raízes psicológicas da literatura bíblica, é mister termos em mente que o povo tomava parte ativíssima nas mais variegadas formas da vida "literária". Sobremaneira ilustrativa neste ponto é a lírica religiosa.

As canções religiosas foram entoadas não apenas pelos cantores do Templo, como também pela assistência, e muitas vezes só mesmo pelos fiéis. O "Emissário da Comunidade" (o oficiante) nunca substituíra totalmente os seus representantes. Os primeiros vestígios dos cantos respondíveis já encontramos nos Salmos; as orações são cantadas, em parte pelo coro e em parte pela congregação. O canto respondível foi também posteriormente aceito pela igreja cristã, mas ali a congregação não tomava parte tão ativa como entre os judeus.

A comunidade popular, e depois as comunidades religiosas, foram as que criaram a atmosfera, onde florescia a antiga literatura judaica.

O TEXTO DO VELHO TESTAMENTO

A compilação das Escrituras Sagradas, o denominado cânone, foi concluído durante o século 2 a.e.c. Uma vez que a parte mais velha da Bíblia provém dos séculos 11-12 a.e.c. mais ou menos, tinha, portanto, que percorrer, até a sua redação final, um longo caminho, e pode-se provar que esse longo caminho deixou rastros bem marcados sobre seu aspecto exterior. Ainda hoje em dia podem-se notar os indícios de revisores e redatores, que deturparam ou intencionalmente "melhoraram" os livros antigos. À primeira vista pode até

parecer que o texto do Tanach fosse rigorosamente preservado na sua feição original. Os escribas e os portadores da tradição, como é notório, cuidavam das Escrituras Sagradas com o maior zelo, enumerando não só cada palavra, senão cada letra. Toda variante, por menor que fosse, fora especialmente anotada (Queri uchtib). Nós sabemos com que cautela se escreviam entre os judeus os Rolos da Lei; o menor erro bastava para invalidar um Rolo. Todavia seria o maior erro julgar que a Bíblia hodierna represente realmente o texto autêntico dos livros bíblicos. Possuímos provas suficientes para nos forçar a admitir que na antiguidade nutria-se menos respeito pelos textos dos livros bíblicos, e foi por esse motivo que se introduziram não só muitos erros na transcrição, como também alterações bem importantes no próprio texto. As traduções mais antigas da Bíblia, como a Septuaginta grega, a Peshita síria e outras, diferem em muitos pontos bastante do tradicional texto hebraico. No Talmud também encontramos várias alusões a textos bíblicos modificados. Ainda mais convincentes são as variantes que se citam nos textos bíblicos por duas vezes.

Assim, por exemplo, encontramos o relato acerca do sítio de Jerusalém por Senaquerib, uma vez em Isaías e outra em Reis; os dez mandamentos acham-se em Êxodo e em Deuteronômio; a relação dos repatriados da Babilônia cita-se em Esdras e em Nehemias; nos Salmos há cânticos que se repetem, etc.

Uma comparação exata entre esses "dubletes" mostra-nos quão grandes são as alterações, introduzidas muitas vezes nos textos bíblicos, pelos copiadotes e redatores. Particularmente instrutivo neste ponto é o texto dos dez mandamentos, que já nos tempos remotos era considerado o mais valioso documento das Escrituras Sagradas, motivo por que se podia esperar que justamente esse texto fosse cuidado com especial escrupulo. Que assim não aconteceu, prova o cotejo de Êxodo 20 com Deuteronômio 5.

Transcrevemos, [na pág. 70-71], apenas aquela parte dos dez mandamentos, onde se acham maiores alterações.

Afora algumas diferenças de somenos importância, como seja a falta da conjunção "e", chamam especial atenção, nos aludidos textos, as diversas motivações para os mandamentos de sábado e de honrar pai e mãe.

Aos exegetas antigos já se deparou que o mandamento de sábado inicia-se, em Êxodo, com Lembra-te, e em Deuteronômio, com Guarda. Uma lenda antiga explica que "lembra-te" e "guarda" foram pronunciadas simultaneamente.

O mais importante é que o motivo do mandamento de sábado em Êxodo, é puramente teológico: "D'us fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou"; já em Deuteronômio a motivação é ético-social: É preciso repousar no sábado, para que, o servo, o salariado e o animal do trabalho possam descansar.

ÊXODO 20

Lembra-te o dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu D'us; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem a tua besta nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.

Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu D'us te dá.

Não matarás.

Não adulterarás.

Não furtarás.

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do seu próximo.

DEUTERONÔMIO 5

Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o Senhor teu D'us. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dias é sábado do Senhor teu D'us: não farás nenhuma obra nele, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento nem animal algum teu, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas para que o teu servo e a tua serva descansem como tu: porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu D'us te tirou dali com mão forte e braço estendido: pelo que o Senhor teu D'us te ordenou que guardasse o dia de sábado.

Honra a teu pai e a tua mãe, como o Senhor teu D'us te ordenou, para que se prolonguem os teus dias e para que te vá bem na terra que te dá o Senhor teu D'us.

Não matarás.

E não adulterarás.

Não furtarás.

E não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

E não cobiçarás a mulher do teu próximo e não desejarás a casa do teu próximo, nem o seu campo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.

Diferente que em Êxodo, são também formulados em Deuteronômio os últimos dois mandamentos.

Em regra, não há textos paralelos na Bíblia, que não apresentem variações mais ou menos importantes. O Salmo 14, por exemplo, é no fundo bem idêntico ao Salmo 53; uma comparação, porém, dos dois capítulos mostra quais os erros que foram, com o correr do tempo, introduzidos pelas gerações de copiadoreis.

SALMO 14

Disse o néscio no seu coração: Não há D'us. Têm-se corrompido, fazem-se abomináveis em suas obras, não há ninguém que faça o bem... Desviaram-se todos... os quais comem o meu povo como se comessem pão e não invocam ao Senhor. Ali se acharam em grande pavor, porque D'us está na geração dos justos. Vós envergonhais o conselho dos pobres, porquanto o Senhor é seu refúgio.

SALMO 53

Disse o néscio: Não há D'us. Têm-se corrompido e cometido abominável iniquidade, não há ninguém que faça o bem... Desviaram-se todos... os quais comem o meu povo como se comessem pão, eles não invocaram a D'us. Ali se acharam em grande temor, onde não havia temos pois D'us espalhou os ossos daquele que te cercava; tu os confundiste, porque D'us os rejeitou.

O texto do último versículo está sem dúvida deturpado em ambas as passagens, e hoje em dia é difícil até dizer-se qual delas mais se aproxima do texto primitivo. Por outro lado, pode-se afirmar com toda a certeza que o salmo 71,3: "Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente, desde um mandamento que me salva", é uma deturpação do salmo 31,2: "Sê a minha forte rocha, uma casa fortíssima que me salve".

Os exemplos citados demonstram que o texto atual da Bíblia percorreu longo caminho histórico, e que se exige um trabalho assíduo para se ter uma visão da trilha que conduz desde o surgimento da literatura bíblica até a redação final das Escrituras Sagradas.

Para corrigirmos as passagens erradas, são-nos de grande utilidade as traduções antigas, primordialmente a Septuaginta. Deve-se, entretanto, constatar que bem frequentemente são baldados todos os esforços dos pesquisadores, e que muitos trechos são de tal maneira mutilados que hoje nos é absolutamente impossível descobrir o seu sentido original.

AS FONTES DOS LIVROS BÍBLICOS

Ainda mais importante que a crítica de texto, dedicada ao determinar e comentar os textos tradicionais, é a tarefa crítica, que se ocupa com a investigação das fontes dos livros bíblicos. Gerações de pesquisadores cuidavam dos problemas da crítica bíblica, e hoje podemos afirmar que, de um modo geral, chegou-se a resultados bem apreciáveis: conseguiu-se esclarecer, pelo menos em seus contornos gerais, a história complexa dos livros bíblicos.

É verdade que, em relação a muitas questões, ainda hoje imperam grandes divergências, e alguns eruditos até rejeitam completamente as conclusões da crítica bíblica. Somos, porém, de opinião que para tanto não há nenhuma base séria. Não podemos naturalmente, penetrar na substância de todos esses problemas; tentaremos apenas dar em linhas gerais uma ideia sobre os métodos da crítica bíblica e os resultados gerais que até hoje se conseguiram.

Vamo-nos deter principalmente na questão de quando e como foram, segundo a opinião da escola crítica, escritos e redigidos os livros bíblicos?

A maior parte dos livros bíblicos, como Juízes, Samuel, Reis, Job, Ruth e outros, não trazem o nome do autor. Em parte alguma do Pentateuco se diz declaradamente que fosse Moisés que escreveu a Torá toda. Pelo contrário, nas narrativas do Pentateuco fala-se em Moisés na terceira pessoa. Informes mais exatos e historicamente mais valiosos, apenas temos acerca dos últimos profetas. Na maioria dos casos, o teor realmente confirma tratar-se das palavras do profeta em questão. Os profetas reagem, em regra, sobre os acontecimentos de sua época, e por isso podemos quase controlar, através das notícias que achamos nos livros históricos, até que ponto esta ou aquela parte é autêntica, e onde começam os suplementos posteriores. Assim os livros dos profetas juntamente com os relatos históricos de Samuel, Reis, Esdras e Nehemias, dão-nos a possibilidade de implantar uma ordem cronológica na literatura bíblica, e de reconstituir a evolução de Israel e Judá, durante o primeiro milênio da história judaica.

Sobretudo cumpre tomar em consideração que os livros isolados da Bíblia - salvo algumas exceções - não representam unidades literárias, tão somente coleções, maiores ou menores, de obras literárias. Nem por isso devemos esquecer que as atuais normas literárias em absoluto não se ajustam à literatura antiga. Um "conto" bíblico consta às vezes de apenas 8-10 linhas. Há uma poesia de Isaias, a qual conta exatamente quatro palavras (Isaias 8,1): "Disse-me também o Senhor: Toma um grande volume, e escreve nele em estilo de homem: Apressando-se ao despojo, apressurou-se à presa". Todos o texto que Isaias escrevera publicamente constituía-se das palavras: "Apressando-se ao despojo, apressurou-se à presa" (em hebraico: Lemaher shalal hash baz). Isto bastava para anunciar o perigo que se aproximava.

Mas, até unidades poéticas normais constavam de apenas algumas linhas. Não havia nos tempos antigos coleções maiores em circulação, senão, na maior parte, profecias avulsas, canções e narrativas. Só mais tarde é que foram coligidas, (frequentemente pelo próprio autor) as coleções mais extensas, aonde podiam, por acaso, também entrar obras de outros autores.

Assim, por exemplo, a conhecida profecia sobre a paz eterna circulava muito tempo independentemente, e enquanto alguns a relacionavam com o profeta Isaías, outras havia que a atribuíram ao profeta Miqueias (Isaías era coevo de Miqueias). É esse o motivo por que aquela profecia fora admitida em ambas as coletâneas (Isaías 2 e Miqueias 4). Grande parte de unidades literárias circulava anônima e, apenas por suposição, os posteriores compiladores reuniram-na neste ou naquele livro.

Jeremias narra como vinha reunindo as suas profecias, durante vinte e tantos anos para escrevê-las num livro. O homem médio dos tempos antigos não tinha a possibilidade de adquirir livros, motivo por que geralmente se contentava com "folhas" e pequenas composições em forma de rolos, os quais ele mesmo podia copiar, em caso de necessidade. Alguns livros bíblicos, como por exemplo: Isaías ou Salmos, já foram originalmente compostos de compilações. Assim se explica porque uma porção de hinos se repetem duas vezes nos Salmos: 14-53, 40-70, 57-108 e 60-108. O mesmo redator certamente não admitiria duas vezes o mesmo texto num livro. Que nos Salmos já haviam sido admitidas coleções prontas, também se vê pelo fato do capítulo 72 terminar nestes termos: "Aqui acabam as preces de David, filho de Jessé". Esse compilador ignorava, portanto, a existência de outras preces e hinos sob o nome de David. E de fato são citados nas partes seguintes de Salmos.

Hoje em dia é quase escusado provar que não nos podemos fiar nas datas tradicionais sobre os autores dos livros bíblicos e sua época.

O salmo "Junto aos rios da Babilônia" - onde se sente em cada palavra o hábito de época do cativo babilônico, o profundo pesar dos exilados, o seu ódio aos vencedores e opressores, a sua ânsia por vingança e a nostalgia do lar perdido: "Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha direita da sua destreza" - naturalmente não podia ser escrita por David, mais de quatrocentos anos antes do exílio babilônico. Igualmente não pode o profeta Isaías ser o autor de Isaías 40-66, onde não se acha a mínima alusão a uma Judá politicamente independente e onde, pelo contrário, continuamente se fala nos cativos da Babilônia. Ali até se menciona várias vezes o nome de Ciro, que viveu 250 anos depois de Isaías. Atualmente, todos, portanto, reconhecem que a segunda parte do livro de Isaías pertence a um autor anônimo (melhor autores) da época do exílio.

Tão pouco, o livro Daniel, em que se citam explicitamente os dominadores gregos do mundo, e até os decretos de Antioco Epifano (167 a.e.c.), podia ser escrito por um autor, que viveu nos tempos de Nabucodonosor, isto é, plenos quatrocentos anos antes.

AS CAMADAS DO PENTATEUCO

O lugar central da ciência bíblica ocupa ainda hoje a questão referente às fontes do Pentateuco. Com efeito, já a tradição judaica estava ciente de que o Pentateuco não constituía livro homogêneo. O Talmud refere-se a três camadas de leis, que se acham no Pentateuco: A revelação do monte Sinai; as leis que D'us transmitiu a Moisés no Tabernáculo, e as leis de Aquém do Jordão. Por esse meio, a tradição tentou esclarecer o motivo por que muitas leis se repetem várias vezes na Torá. A investigação atual, pelo contrário, pretende deduzir daí que a Torá foi escrita, não por um autor só, e uma prova disso ela enxerga no fato de que os diferentes códigos também se distinguem marcadamente pelo estilo, pelo teor, e particularmente por toda sua tendência religiosa e social-política. Ainda mais importante é o fato de que a diferença no estilo e nas tendências igualmente se revela nas partes históricas do Pentateuco. Tudo isso nos obriga a revermos a concepção tradicional sobre a lei mosaica e a considerar o Pentateuco não como obra de um autor, senão como trabalho de um grupo de autores e de várias gerações.

O primeiro que tentou sistematizar a teoria das fontes e separar as distintas camadas de Gênesis, foi o teólogo e médico francês, Jan Astruc. Como ponto de partida toma os nomes de Jehová (*) e Eloim, que se encontram nos vários capítulos de Gênesis, para designar D'us. (Enquanto alguns capítulos empregam o termo Eloim para denominar D'us, outros há que continuamente designam D'us pelo nome Jahová). O trabalho subsequente de gerações de pesquisadores bíblicos melhorou e apurou os métodos de selecionar as fontes. Revelou-se que o uso de Jahová e Eloim não é o único marco que separa as distintas camadas. Cada fonte se destaca pelo seu estilo peculiar e sua particular concepção religiosa do universo. O resultado dos trabalhos da crítica bíblica pode, hoje em dia, formular-se da seguinte maneira: Existem no Pentateuco (não só em Gênesis) três fontes básicas, denominadas: Jehovista, Eloista e Código Sacerdotal. Além disso ainda foram admitidas no Pentateuco partes que não pertencem a nenhuma dessas fontes básicas. Um livro à parte também forma o Deuteronomio. Cumpre ainda levar em consideração que, quando se fala em "Jhovista ou Eloista" não se refere isso aos autores isolados, mas sim a círculos literários e escolas.

(*) Os dados recentes da arqueologia bíblica permitem concluir que a forma originária é Iahvé. Aliás, a ciência bíblica nos últimos anos, derrubou vários "Fundamentos" da crítica bíblica, o que merece um estudo a parte.

É somente graças às observações da crítica do Pentateuco que podemos orientar-nos nesse labirinto de dificuldades e contradições, que se nos depara ao lermos os textos em seu aspecto atual. Ressalta isso principalmente quando se tenta harmonizar o esquema cronológico dos livros históricos com o teor das narrativas. Quando Jacó, por exemplo, chegou ao Egito com sua família, seu filho mais novo, Benjamin, contava, segundo a cronologia bíblica, 33 anos de

idade; já era então, como se vê pelo registro familiar de Jacó, pai de 10 filhos. Seu irmão mais velho, Issacar, que tinha, conforme as mesmas datas cronológicas, 42 anos, já chegara ao Egito até com netos. Importa isso dizer que os filhos de Jacó atingiram a idade de casar aos 18 ou 20 anos. Por outro lado, conclui-se da mesma cronologia que, ao encontrar Raquel perto do poço, contava Jacó 77 anos de idade, já era bastante velho; não obstante, seu coração é ainda tão jovem que se encarrega de servir pela formosa Raquel sete anos completos. Quando Labão o enganou, substituindo a Raquel por Lia, Jacó já era então homem de seus 84 anos; seu amor, entretanto, por Raquel em nada esmoreceu, e ele se sujeita ao papel de servo por mais sete anos. É só aos 91 anos que Jacó tem a sorte de casar-se com a sua amada Raquel. Ora, para o autor dessa história, Jacó, sem dúvida, ainda era moço, quando chegou à casa de Labão. Tanto assim que está sendo descrito como jovem atleta que sozinho remove uma enorme pedra do poço.

O autor dessa narrativa não podia, certamente, imaginar que a sua história iria posteriormente ser reunida a outras fontes, resultando daí tal contradição cronológica. Obtém-se a mesma incoerência quando se tenta encaixar a narração de Ismael (Gênesis 21) no esquema cronológico. Conforme a cronologia de Gênesis, parece que Ismael já era mancebo de 16 anos, quando Abraão o expulsara de casa juntamente com sua mãe Agar. Para o autor, porém, de Gênesis 21, Ismael ainda é menino, a quem a mãe carrega sobre o ombro.

Quando chega ao deserto e a água se consome, lança ela o menino debaixo de um arbusto, e assenta-se à distância, para que não veja a morte do menino. É bem evidente que o autor da história de Ismael não tinha noção alguma a respeito da atual cronologia bíblica. Mas, se Ismael, aos dezesseis anos ainda é um menino desamparado, opera-se com Judá milagre bem diferente. Desde a época em que José foi vendido, até ao tempo quando seu pai e seus irmãos chegaram à casa dele no Egito, passaram-se cerca de vinte e cinco anos. Durante esse curto lapso de tempo, chegou a casar-se, casar filhos e, o que é mais importante, depois da morte de seus filhos casados, unia-se com sua ex-nora Tamar, teve filhos com ela, e chegou ao Egito com os netos da segunda esposa. Segundo esse cálculo, parece que os filhos de Judá se casaram na idade de 9 a 10 anos, o mais tardar.

Tais incoerências e outras não podemos atribuir aos autores bíblicos, que por via de regra, possuem singular senso artístico. Acontece que os poetas bíblicos não são responsáveis pelo trabalho dos redatores vindouros, que tinham diante de si material pronto e consagrado pela tradição, e não se atreveram a modificá-lo.

Ainda mais suspeitos são os frequentes "dubletes", que encontramos no Pentateuco. Por duas vezes narra-se a criação do mundo e do homem. No primeiro capítulo de Gênesis, conta-se de um modo sistemático toda a história da criação do mundo; o homem é criado no último dia, como o coroamento da Criação. Aqui temos diante de nós o trabalho de um teólogo, que possui ainda

por cima uma ideia a respeito do lugar do homem dentro da Criação. Já no capítulo dois achamo-nos diante de um poeta, que nos conta a história da formação do universo e do primeiro homem numa forma artística ingênua. A ordem sistemática, acima mencionada, falta aqui completamente. D'us cria os animais, planta o maravilhoso jardim no Éden depois de já haver gerado o homem. Bem por último cria D'us a mulher, para servir de companheira na vida do homem. Um "fio duplo" também se pode observar na descrição do dilúvio. Segundo o "Jehovista", provém a inundação de uma chuva vinda do céu, que dura quarenta dias. "E houve chuva sobre a terra quarenta dias". O "Código Sacerdotal" por sua vez, conta que se "romperam todas as fontes do grande abismo e as janelas do céu se abriram", e o dilúvio dura aqui cento e cinquenta dias. Tais "dubletes" encontramos seguidamente nas narrativas sobre os patriarcas, na história de José e seus irmãos, no êxodo do Egito, no deserto, etc. Os redatores geralmente combinaram as diversas camadas de uma maneira hábil. Na medida do possível, às vezes transmitiram os textos do seu aspecto original, em capítulos distintos, como em Gênesis, um e dois. Muitas vezes, porém, não lhes foi isso possível; reuniram então, num quadro mosaico, fragmentos de várias origens; haja visto a história do dilúvio. Amostra de tal trama de fontes onde com relativa clareza ainda se podem distinguir os fios isolados, constitui o primeiro capítulo da história de José.

"E viram-no de longe, e, antes que chegasse a eles, conspiraram contra ele, para o matarem. E disseram um ao outro: Eis lá vem o sonhador-mor! Vinde agora e matemo-lo e lancemo-lo numa destas covas, e diremos: uma besta fera o comeu; e veremos que será de seus sonhos. E ouvindo-o Ruben, livrou-o das suas mãos, e disse: Não lhe tiremos a vida. Também lhes disse Ruben: Não derramareis sangue; lançai-o nesta cova que está no deserto, e não lanceis mão nele; para livrá-lo das suas mãos, e para torná-lo a seu pai. E aconteceu que chegando José a seus irmãos, tiraram a José a sua túnica, a túnica de várias cores que trazia. E tomaram-no, e lançaram-no na cova; porém, a cova estava vazia, não havia água nela. Depois assentaram-se a comer pão; e levantaram os seus olhos, e olharam, e eis que uma caravana de ismaelitas vinha de Gilead; e seus camelos traziam especiarias e bálsamo e mirra, e iam levá-los ao Egito. Então Judá disse aos seus irmãos: Que proveito haverá que matemos a nosso irmão, e escondamos a sua morte? Vinde, e vendamo-lo a estes ismaelitas, e não seja a nossa mão sobre ele; porque ele é nosso irmão, nossa carne. E seus irmãos obedeceram. Passando, pois os mercadores midianitas, tiraram, e alcançaram a José da cova, e venderam José por vinte moedas de prata aos ismaelitas. E os midianitas venderam-no no Egito a Potifar, eunuco de Faraó, capitão da guarda".

O texto atual é completamente ininteligível. Confundem-se Judá com Ruben. Os irmãos vendem a José, mas Ruben vai procurá-lo, dentro do poço como se nada tivesse acontecido, e ainda fica pasmado quando não o encontra. Igualmente se confundem os midianitas com os ismaelitas. Somente quando o capítulo é dividido em duas camadas, é que se torna clara a conexão. Segundo uma versão é Ruben quem salva a José; os irmãos lançam-no num poço seco e dali então é tirado furtivamente pelos mercadores midianitas. Pela outra

variante, são os irmãos que o vendem, a conselho de Judá, aos ismaelitas que o levam para o Egito. Na composição de ambas as fontes ficaram algumas passagens mal alinhavadas, e ainda se notam os pontos...

Na opinião da maioria dos estudiosos, pertence o "Jehovista" e o "eloista" ao período do reino-duplo de Judá e Israel, isto é, lá pelos séculos 9-8 a.e.c. O livro Deuteronômio é idêntico, conforme admite a maior parte dos pesquisadores, ao Sefer-Hatorá, que foi descoberto no reinado de Josias (621 a.e.c.) e que somente foi reunido às partes mais antigas do Pentateuco, por Esdras e seus discípulos.

À luz desses resultados, torna-se clara a evolução espiritual do povo hebreu, no período bíblico, e ficam também compreensíveis os relatos históricos, que dizem respeito às reformas de Josias e Esdras. Ainda que em ambas as declarações se fale na lei mosaica, que está sendo implantada, se vê porém nitidamente que anteriormente os judeus não observavam os preceitos e nem conhecimento deles tinham. Na declaração sobre as reformas de Josias, conta-se que "nunca se celebrou tal Páscoa como esta, desde os dias dos juízes". Em Nehemias conta-se, mais ou menos o mesmo, acerca das cabanas (sucot): "E toda a congregação dos que voltaram do cativeiro fizeram cabanas e habitaram nas cabanas, porque nunca fizeram assim os filhos de Israel, desde os dias de Josué, filho de Nun, até aquele dia".

Como se pode imaginar que a lei mosaica estivesse tão completamente esquecida? E como ainda foi possível que, mesmo depois de os israelitas se haverem arrependido, nos dias de Josias, deixassem de celebrar as festas das cabanas, segundo os preceitos da lei? A investigação crítica, que enxerga em ambas as reformas etapas da evolução religiosa em Israel, oferece a esse respeito a única resposta possível.

Um confronto entre as diversas camadas do Pentateuco e os livros dos profetas, que se podem datar exatamente, confirma os resultados da escola crítica.

O livro Deuteronômio acha-se, pelo seu espírito e estilo, muito próximo de Jeremias, enquanto que na camada do Código Sacerdotal evidencia-se pelo estilo e pela ideologia a influência de Ezequiel e da época do cativeiro. Adiciona-se ainda a isso o terem os livros bíblicos antigos pouco conhecimento a respeito dos preceitos e das exigências, que se acham no Código Sacerdotal. É só na época do Segundo Templo que todas essas exigências estão sendo praticamente executadas.

A investigação bíblica habilita-nos, deste modo, a datar mais ou menos exatamente os livros bíblicos e a incorporá-los na textura da história judaica. Graças a isso, também foi possível traçar as linhas gerais da história da literatura hebraica na época bíblica.

AS CANÇÕES BÍBLICAS MAIS ANTIGAS

A literatura bíblica é, antes de mais nada, literatura de um povo de camponeses. Dos tempos pré-históricos, isto é, antes de os filhos de Israel terem conquistado a terra de Canaã, não ficaram monumentos literários. Alguns pesquisadores críticos pretendem que no Velho Testamento ainda fossem preservadas reminiscências literárias da chamada época do deserto. Segundo a nossa opinião, isso não se pode provar e por muitas razões, também é pouco provável. Apesar disso a literatura bíblica está repleta de temas nômades, e as narrativas da vida do deserto ocupam lugar central nos antigos livros bíblicos. É que os israelitas nunca foram um povo exclusivamente agrícola. Os denominados seminômades ou nômades de ovelhas sempre tomaram parte na vida hebreia. Cumpre acrescentar que a vida nômade era considerada, em muitos círculos, como vida ideal, e o romantismo nômade dominara por certo tempo a literatura. Eis por que devemos ter especial cautela ao datarmos a literatura do deserto, e sobretudo deve o crítico aprender a fazer distinção entre o romantismo e a realidade.

Em solo firme só nos encontramos a partir do momento em que os filhos de Israel se tornaram donos da terra de Canaã, a saber: desde a época dos Juízes.

O evento mais importante desse período é a guerra contra a coalizão das cidades canaanitas no vale de Izreel, descrita na canção de Débora, a qual constitui, na opinião de vários pesquisadores, o documento mais antigo que ficou preservado na época bíblica.

Aos melhores modelos da antiga poesia hebraica também pertence a canção de pesar sobre Saul e Jonatan. Sobremaneira comovente é aquele carinhoso tom pessoal:

"Angustiado estou por ti, meu irmão Jonatan; quão amabilíssimo me eras! Mais maravilhoso me era o teu amor do que o amor das mulheres".

- o que nos surpreende justamente por pertencer àquela época antiga. A elevada arte literária das antiquíssimas canções bíblicas demonstra que é erro falar-se em primitivas condições de vida entre os hebreus, nos dias dos Juízes e dos primeiros reis. Aliás, isso também se confirma pelas antiquíssimas narrações históricas conservadas nos livros de Juízes e Samuel.

Os tempos dos Juízes e dos primeiros reis constituem o período propriamente "heróico" da história hebreia. Foi só então que os judeus se tornaram um povo, que promovia com bom êxito a sua árdua luta secular pelo domínio da terra, prosseguindo ao mesmo tempo na peleja pela unidade política. A literatura do período dos Juízes traz em si o cunho dessas grandiosas lutas nacionais e reflete as tendências das camadas dirigentes do povo, naquela época. É no fundo uma literatura mundana nacional-política, e personagens tais como Abimelec, Sansão, Gideon, Jefté e Absalão, bem pouco se adaptam ao ambiente dos vultos bíblicos, onde os patriarcas e os profetas ocupam a posição dominante.

A época de David e Salomão, sem dúvida, ainda mais enriqueceu a vida literária e as criações de Israel. A integridade nacional, a corte real, o aumento do bem-estar, o florescimento do comércio, as diferenciações sociais mais acentuadas - tudo isso criou novas condições para a vida espiritual: toma maior impulso o interesse pelas tradições nacionais, começa-se a refletir sobre a posição de Israel no mundo, as ambições nacionais continuam aumentando. A literatura da época de David e Salomão ocupa-se, portanto, com o problema das fronteiras de Israel e de suas relações com povos vizinhos aparentados, como sejam Amon, Moab, Edom, etc. Importante também é o fato de que nos dias de David e Salomão se iniciam os apontamentos históricos oficiais, as crônicas reais de Israel e Judá, de onde os autores de Reis hauriram a maior parte de suas notícias.

O ROMANTISMO BÍBLICO

A separação do reino não prejudicou a unidade espiritual de Israel, que continuou sendo um só povo, de uma só literatura; mas os problemas e os ideais são agora inteiramente outros.

O marco mais relevante da literatura bíblica no tempo dos dois reinos, isto é, no período do florescimento da vida espiritual de Israel, é o seu colorido ético-religioso. A influência dos profetas mais velhos, de Elias e Elisha, sente-se em toda a literatura da época clássica.

O segundo traço importante daquela época é o romantismo. Não é o presente, mas sim o passado, e na realidade o passado idealizado, que ocupa agora o lugar central na vida mental como na literatura. O presente tão veemente combatido pelos velhos profetas, não lhes merece atenção, não lhes suscita particular interesse. Muito menos ainda se podia então cogitar em compor canções laudatórias em homenagem aos reis ou outros políticos e dirigentes militares. O olhar dos poetas e pensadores volta-se agora para trás, para o período áureo dos patriarcas e da saída do Egito. O protesto contra as condições sociais dominantes conduz simultaneamente à idealização da vida nômade.

É esta a origem do romantismo do deserto, que domina toda a literatura daquele período.

A esse período pertencem, pelo menos literariamente, as narrativas do Pentateuco, as três camadas de Jehovista, Eloista e Código Sacerdotal, certas partes de Josué, Juízes, Samuel e as histórias sobre Elias e Elisha em Reis.

Que as narrativas do Pentateuco têm por principal base material, as histórias e lendas populares - prova-nos o fato de se repetirem continuamente os assuntos tipicamente folclóricos.

E embora se tenha conservado, tanto quanto possível, o cenário nômade, sempre se notam ainda traços evidentes da vida agrícola, e por toda parte se sente o espírito dos discípulos de Elias e Elisha. Um dos temas prediletos dessa literatura jehovista-profética é o milagroso nascimento do herói. Para esse fim emprega-se na Bíblia com frequência o assunto da mulher estéril. Era o destino da mãe do personagem passar muito tempo sem ter filhos. Somente quando já perdidas todas as esperanças, é que D'us, ou um grande "tzadik", um profeta, contempla os pais com o nascimento de um menino-prodígio. Deparamos com esse tema nas histórias de Samuel, Sansão, Isaac, Jacó, Esaú e José. Com Moisés já se nos apresenta outra variante da miraculosa história infantil do herói. A criança recém-nascida corre grande perigo: o governante do país, informado, num sonho ou por meio de um astrólogo, de que ia surgir um novo herói, baixa um rigoroso decreto, ordenando o extermínio da criança (ou de todas as crianças). Mas tudo é baldado e o herói se salva por um milagre. A variante mosaica está muito difundida na literatura universal (Cristo, Ciro, Rômulus, etc.). Muito popular nas narrativas de Gênesis é o tema de luta entre irmãos, tomado da vida quotidiana dos camponeses, entre os quais a questão de herança desempenha um papel tão relevante. A luta entre irmãos e o fratricídio já atingira até a primeira família humana, os filhos de Adão e Eva. Os autores bíblicos ainda nos narram os conflitos entre Ismael e Isaac, Jacó e Esaú, José e seus irmãos, Peretz e Zerach. É característico que os narradores bíblicos tomam sempre o partido do irmão mais jovem (Habel, Isaac, Jacó, José e Peretz), apesar de que pela lei deveria a primogenitura pertencer ao irmão mais velho. Da vida real também são tomadas as cenas, em que os noivos se encontram junto ao poço - Jacó e Raquel, Moisés e Zipora; o servo de Abraão, Elieser, também encontra a Rebeca junto ao poço. É escusado provar que aqui se trata de um tema puramente literário.

Bem frequente damos com o tema do procedimento injusto para com hóspedes, de transgredir os consagrados preceitos da hospitalidade. Trata-se quase sempre de transgressões sexuais (Sara no Egito, Sara na terra dos Filisteus, Sodoma, Dina em Sichem, Rebeca na terra dos Filisteus, a concubina de Gibeia). A isso se contrapõe, como modelo, os que observam os deveres da hospitalidade (Abraão e os anjos, Lot, a viúva de Cidon e Elias, Shunamit e Elisha). A esfera folclórica pertencem, sem dúvida, a história do dilúvio, o perecimento de Sodoma, a partida do mar, (tema que mais tarde se repete com Josué e Elias); os milagres do deserto (repete-se o tema, em parte, nas narrativas sobre Elias e Elisha), etc. Aqui também devemos partir de premissa que de início apenas havia a simples narrativa isolada, só mais tarde é que se forma em torno de um determinado personagem, quer seja figura histórica quer lendária, uma grinalda de histórias folclóricas. O mesmo tema se repete frequentemente nas biografias de diversas personalidades.

A coordenação de todos esses motivos folclóricos e religiosos num sistema de história popular, será a tarefa somente dos grandes artistas vindouros.

Tanto o jehovista como o eloista obedeciam a rigorosos princípios na escolha do material. Ressente-se, por exemplo, o Pentateuco da absoluta falta dos

temas heróicos; por outro lado, predominam na literatura daquele período os assuntos profético-levíticos, como sejam as histórias de mulheres estéreis, a proteção dos estrangeiros, etc. Em contraste com Juizes, são os patriarcas personagens religiosos, que vencem todos os seus inimigos não pela força física, mas sobretudo com a ajuda de D'us. Outro elemento valioso nas narrativas do Pentateuco formam os temas etnológicos. Os narradores pretendem apresentar um quadro sobre a origem dos povos e tribos, suas relações com os vizinhos, seu destino histórico, etc. Em relação à arte literária destaca-se particularmente a história de José, que mais tarde também ficou popular entre os judeus, e que tem sido aproveitada como enredo para espetáculos dramáticos (Mechirat Iosef).

A história de José representa, segundo seu volume, a maior narração do Pentateuco. O narrador domina perfeitamente a arte de empolgar o leitor, introduzindo continuamente elementos novos, imprevistos. Após José ter sido vendido como escravo no Egito, deixa o autor que o leitor tome fôlego por um instante: José acha graça aos olhos do seu amo e parece que a sorte lhe tenha sorrido novamente. Mas, eis que surge a primeira surpresa sombria. Inopinadamente, José cai na prisão, absolutamente inocente. Por um momento aparece-lhe na prisão um raio de esperança - José encontra-se com o copeiro-mor de Faraó, interpreta-lhe direito o sonho, obtendo a promessa de se interessar por ele. Mas, como sói acontecer entre gente graúda, o copeiro-mor esquece-se completamente de José. Somente dois anos depois, quando todos os sábios do Egito não lograram interpretar o sonho de Faraó, é que o copeiro-mor se lembra de José, e então soa a hora de sua grandeza.

Com os mesmos meios o autor empolga-nos, quando narra a história dos irmãos de José. Por duas vezes os irmãos chegam a casa de José, por duas vezes ele prende um de seus irmãos, por duas vezes restitui-se-lhes o dinheiro nos sacos. A segunda cena, porém, jamais é simples repetição da primeira. Surge sempre um assunto novo que aumenta a comoção. Da primeira vez, os filhos de Jacó deixam seu irmão mais jovem, Benjamim, com o pai; da segunda vez, chegam juntamente com ele; da primeira vez José manda por nos sacos apenas o dinheiro, da segunda vez, a sua taça encantada também. Qual fio escarlata estendem-se os sonhos através de toda a história de José. Os primeiros sonhos, que anunciam a grandeza de José, despertam a inveja de seus irmãos, levando-o à desgraça; depois são novamente os sonhos, por cujo intermédio ele se salva. A narrativa do José é em muitas passagens bastante sentimental e comove muito o leitor. Em geral, ela se destaca, tanto pela uniformidade da construção toda, como pela aprimorada execução das cenas isoladas. A ideia básica da história de José, em seu aspecto atual, é a ideia da Providência:

"Vós pensastes para o mal - diz José a seus irmãos - mas o Senhor julgou-o para o bem; não fostes vós que me trouxestes para cá, senão Ele, para que eu possa salvar tanta gente". Uma popularidade excepcional desfruta na literatura profético-jehovística a biografia do personagem religioso, como se observa nas narrativas sobre Elias, Elisha, Moisés, Samuel. Abraão também é descrito como

vulto religioso, que vence todas as tentações e permanece fiel à sua crença (o Sacrifício de Isaac). Uma série de narrativas trata de problemas ético-religiosos, como sejam a história do Éden, o dilúvio, a torre de Babel, Sodoma, e que tais.

As histórias de Moisés e do deserto giram em torno do problema: profeta e povo. Ressaltam a árdua tarefa do guia profético, a ingratidão do povo, e os conflitos entre "o povo obstinado" e seu mestre, chefe tão ideal e preclaro como Moisés.

O Que é a Bíblia - 2ª parte

OS LIVROS DOS PROFETAS

O monumento literário que ficou dos profetas mais antigos é sobretudo biográfico e folclórico, conservado e cultivado nas "escolas" proféticas, pelos denominados "filhos de profetas". Materiais e documentos realmente autênticos não nos ficaram, nem de Elias e nem de Elisha. O primeiro profeta a deixar-nos as suas palavras escritas foi Amós, que atuou em Israel, por volta do ano 760 a.e.c., nos tempos de Jeroboão, filho de Ioash. Não nos cabe, naturalmente, dentro dos limites deste trabalho, entrar em detalhes sobre a vida dos profetas, sua obra e sua atuação. O que nos interessa aqui, acima de tudo, é a literatura profética. A vida pessoal dos profetas bem como a sua posição na vida política de Israel e Judá só mencionaremos na medida em que se relaciona com a sua atuação de tribunos e homens de letras.

A profecia era, nos tempos antigos, ligada à magia, motivo por que o profeta é frequentemente qualificado de "hoze" ou "roe" (vidente).

O profeta fica informado sobre acontecimentos futuros, ou coisas ocultas em geral, no sonho, ou através de visões, num estado de êxtase. Não existia, portanto, pelo menos nos tempos mais antigos, diferença essencial entre sonhos e "visões" proféticas. Em Deuteronômio 13 lemos, por exemplo: "Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti". O sonhador é aqui colocado na mesma linha do profeta. Mas o sonho precisa ser "compreendido", é preciso saber interpretá-lo. A arte propriamente dita do vidente ou sonhador consiste, portanto, na interpretação do sonho, na explicação e elucidação dos sonhos, próprios ou alheios (José, Daniel).

É essa a razão por que as primeiras profecias são vinculadas à técnica de "visionar" e interpretar sonhos, a qual também se aplica às "visões". Tanto o sonho, como a visão num estado de ênfase, são sempre misteriosos e de múltiplos sentidos. Muitas vezes, nem o próprio videntes está em condições de esclarecer a imagem que viu com os olhos espirituais, e tem de aguardar a interpretação de D'us. (Zacarias, Daniel). O quadro visionário ocupa, portanto, posição relevante na literatura profética e contribuiu grandemente para a formação do estilo alegórico, que os profetas utilizam com tanta frequência. Às visões artisticamente mais vigorosas, com que deparamos na literatura bíblica, pertence, sem dúvida, a de Ezequiel 37, o conhecido quadro do vale com os

ossos ressequidos, que D'us, na presença do profeta, despertou novamente para a vida.

"Veio sobre mim o mão do Senhor, e o Senhor, pelo espírito, me levou e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos. E me fez passar por toda a roda deles e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale, e eis que estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, porventura viverão estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová tu o sabes. Então me disse: Profetiza sobre estes ossos, e disse-lhe: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis; E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o senhor. Então profetizei como se me deu ordem; e houve um arrado, profetizando eu; e eis que se fez um reboliço, e os ossos se achegaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vinham nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; porém, não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó Filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, e viverão. E profetizei como ele me deu ordem: então o espírito entrou neles, e viveram, e se puseram em seus pés, um exército grande em extremo. Então me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel: eis que dizem: Os ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança: nós estamos cortados. Portanto profetiza: Assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu abrirei as vossas sepulturas, e vos farei subir das vossas sepulturas, ó povo meu. E porei em vós o meu espírito, e vivereis e vos meterei na vossa terra, e sabereis que eu, o Senhor, falei isto e o fiz, diz o Senhor".

Não raro os profetas empregavam a imagem visionária apenas como meio literário, para dar mais vigor ao efeito de suas palavras. Mas, em regra, a característica da profecia não era a visão mas sim a palavra. Os denominados profetas "verdadeiros" até travam polêmicas contra os "videntes" e sonhadores:

"O profeta que tem um sonho, conte o sonho; e aquele em quem está a minha palavra, fale a minha palavra com vontade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor".

A mesma coisa lemos no Pentateuco, onde se faz uma distinção cardinal entre o modo por que D'us surge diante de Aarão e a maneira pela qual falou a Moisés. Enquanto o Criador aparece diante de Aarão (o representante dos sacerdotes) somente em sonho ou através de visões, fala D'us a Moisés frente a frente. Os profetas eram antes de tudo oradores, que atuaram publicamente na presença do povo congregado no santuário, ou na praça aberta. É por isso que Moisés diz a D'us, quando o envia aos filhos de Israel no Egito: "Não sou orador". O mesmo diz Jeremias, quando D'us lhe surge pela primeira vez: "Não sei falar, pois ainda sou jovem". Os profetas geralmente começam as suas orações nestes termos: "Assim falou Jeová" ou "ouvi a palavra de Jeová". O profeta "ouve" a palavra divina, na maioria das vezes, num estado de êxtase: "a mão de D'us repousou sobre mim". Mas, só fala ao povo depois de ter

refletido e claramente formulado a palavra de D'us. Os discursos dos profetas se nos apresentam geralmente não como produto da arte oratória, senão como poesia profética, escrita em versos rítmicos.

Esses discursos foram, em parte, registrados pelos seus discípulos. Também as crônicas biográficas, que se encontram nos livros proféticos, foram geralmente escritos por outros, motivo por que falam dos profetas na terceira pessoa: "O Senhor falou a Oseas". Em Jeremias conta-se minuciosamente como Baruch, filho de Nerias, escreveu num rolo as palavras do profeta: "E escreveu Baruch da boca de Jeremias todas as palavras do Senhor, que lhe tinha falado, num rolo de um livro".

Se a literatura profética mais antiga interessou-se de preferência pelo passado, ocupam-se os "livros dos profetas", por sua vez, muitíssimo com o presente, e sobretudo com o futuro. Admoestam o povo pelos seus pecados, e anunciam o castigo de D'us pelas transgressões cometidas. Paralelamente a isso encontramos com frequência nos profetas clássicos imagens idealistas sobre os venturosos tempos no "fim dos dias".

Profecia clássica desse gênero, profecia "messiânica", temos em Isaías 2 (idêntica à de Miqueias 4):

"E acontecerá no último dos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se exalçará por cima dos outeiros, e concorrerão a ele todas as nações. E irão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, a casa do D'us de Jacó para que nos ensine acerca dos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor. E julgará entre as gentes, e repreenderá a muitos povos; e converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices: não alçará espada nação contra nação, nem aprenderão mais guerrear. Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do Senhor".

O maior lugar tomam, nos profetas clássicos, da época anterior ao cativeiro, as histórias acerca dos infortúnios que D'us prepara contra seu povo, as queixas contra o povo e seus líderes, assim como a exortação para o arrependimento.

Empregam várias formas literárias para exteriorizar os seus pensamentos e fazê-los inteligíveis para o povo.

Muito popular entre os profetas é a forma da disputa processual, em que D'us e o profeta, na qualidade de seu representante, arguem com o povo:

"Vinde agora, e agui-me, diz o Senhor". Isaías evoca o céu e a terra para testemunhas ou juizes: "Ouvi, ó céus, e presta ouvido tu, ó terra; porque fala o Senhor". Às vezes o profeta se dirige diretamente ao povo, para que ele próprio julgue: "Agora pois, ó filhos de Israel, julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha". Mui frequentemente emprega o profeta, para elucidar os seus pensamentos, a alegoria e a parábola (particularmente Ezequiel). Israel e Judá

assemelham-se a duas irmãs pecadoras (Ezequiel), Judá - a uma vinha que produz maus frutos (Isaias), etc. Não raro deparamos nos profetas com a forma de lamentação, que muitas vezes bem se apropriava para anunciar a desgraça (Amós 5,1; Ezequiel 19,27, etc.). A imagem da desgraça que o profeta enxerga na sua visão representa para ele uma realidade que o comove da maneira mais profunda: "Portanto digo: Virai de mim a vista, e chorarei amargamente, não vos canseis mais em consolar-me pela destruição da filha do meu povo".

O profeta não é só o emissário do Senhor junto aos homens, muitas vezes também se incumbem de ser o intercessor do povo perante D'us. E por isso ora frequentemente a D'us em favor de seu povo. Podemos neste sentido designar os profetas como sendo os criadores das orações israelitas. O profeta que ora a favor dos homens, já se encontra na literatura antiga (Abraão junto à Sodoma, Moisés, Samuel). A Jeremias diz o Senhor: "Nem que Moisés e Samuel orem por eles, não quero saber desse povo". Com frequência, a oração do profeta transforma-se numa discussão com D'us, apelando para a sua misericórdia e justiça. "Não faria justiça o juiz de toda a terra?", e perguntando-lhe por que permite tanta injustiça no mundo? Essas disputas com D'us pertencem às mais vigorosas passagens da literatura profética:

"Justo serias, ó Senhor, ainda que eu entendesse contra ti, contudo falarei dos teus juizes. Por que prospera o caminho dos ímpios, e vivem em paz todos os que cometem aleivosia aleivosamente?" (Jeremias 12).

Jeremias, o poeta mais subjetivo de todos os profetas, abre o seu coração perante D'us em assuntos pessoais também, particularmente no que se relaciona com a sua missão profética. Amaldiçoa o dia em que nasceu: "Ai de mim, mãe minha, por que me pariste homem de rixa e homem de contendas para toda a terra". Queixa-se a D'us por que o compele a ser profeta:

"Persuadiste-me, ó Senhor, e persuadido fiquei; mais forte foste do que eu, e prevaleceste: sirvo de escárnio todo o dia, cada um deles zomba de mim... Então disse eu: Não me lembrarei Dele, e não falarei mais no Seu nome; mas foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e fiquei fatigado de sofrer, e não pude" (Jeremias 15,10).

É bem provável que as "palavras" dos profetas, preservadas na Bíblia, contivessem apenas formulações breves de ideias fundamentais, que o profeta desenvolvia mais ampla e mais detalhadamente nos seu discurso diante do povo. Nos livros dos profetas ulteriores (Jeremias, Ezequiel) já se acham discursos maiores, que mais se aproximam da prosa retórica. O profeta torna-se pregador. Jeremias particularmente preparou o caminho para a literatura "deuteronômica" ou, se é permitida a expressão, pseudo-profética.

Conta Jeremias como fora pregar, fazer propaganda em prol da realização das reformas de Josias (Jeremias 11,6): "E disse-me o Senhor: Apregoa todas estas palavras nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém, dizendo: Ouvi as palavras deste concerto, e fazei-as". Este grande acontecimento que tão

profunda revolução causara na vida social-política e religiosa de Judá, também gerou um novo estilo literário - as palavras dos profetas, que dominam todo o livro Deuteronômio, e todas essas partes do Velho Testamento, pertencentes à camada deuteronômica. O que mais se realça na literatura deuteronômica, é o estilo profuso do pregador e o veemente tom repreensivo de um guia e agitador do povo.

Aproveita-se profusamente a história, para provar o que acontece, quando se abandona o caminho de Jeová. Os escritores deuteronômicos põem suas palavras na boca dos profetas antigos, e particularmente de Moisés. Desta forma, todo o livro de Deuteronômio está escrito em estilo de um discurso, melhor de uma espécie de testamento ideológico legado por Moisés aos seu povo, antes de morrer. A linguagem, assim como a mentalidade dos deuteronomistas, são consideravelmente mais pobres do que as dos profetas. O deuteronomista, como já indicamos, é antes de mais nada um pregador e preceptor, e portanto pensa especialmente na geração nova. Graças a este interesse pedagógico dos deuteronomistas ficou preservada a maior parte da antiga literatura histórica. Os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis, chegaram até nós numa redação deuteronômica, e deviam servir de livros didáticos para o povo, sobretudo para a juventude. Em alguns trechos o redator até indica como se deve explicar à juventude este ou aquele episódio histórico: "Se teu filho te perguntar amanhã". Frequentemente o autor deuteronômico discute com seus leitores o dever de ensinar os filhos: "E ensinai-os aos vossos filhos".

LITERATURA HISTÓRICA E LEGISLATIVA NO TEMPO DO CATIVEIRO BABILÔNICO E DO SEGUNDO TEMPLO

Com a queda do reino de Judá, inicia-se um capítulo bem novo na história do povo judaico. Os judeus se tornaram um povo exilado, povo sem terra e sem governo, mas com grandes tradições espirituais e com determinação inflexível de viver independente. Isto naturalmente tinha que imprimir um cunho especial às formas da criação espiritual judaica. Mesmo depois de uma parte dos exilados ter retornado ao seu antigo lar, Judá permanecia uma província do império persa.

Numa vida política independente, nem cogitar se podia agora. O exílio havia introduzido profundas modificações também nos costumes religiosos. Só agora que realmente se realizara a exigência do Deuteronômio a respeito da abolição dos santuários locais e a centralização do culto de sacrifícios em Jerusalém. A sinagoga que surgira na época do cativeiro babilônico, vinha substituindo cada vez mais o Templo. Assim sendo, o sacrifício como forma de serviço religioso também foi substituído pela oração.

Em torno da sinagoga formara-se a congregação religiosa, que ia progressivamente tomando o lugar de comunidade num Estado independente.

Os potentados persas, que olhavam com suspeita qualquer vestígio de poder mundano e autonomia política em Judá, favoreciam intencionalmente as ambições dos sacerdotes, reconhecidos como os únicos representantes da coletividade judaica. A influência sacerdotal deixa-se, portanto, sentir até na vida espiritual. Esse fato encontra a sua evidente manifestação no Livro da Lei, introduzido por Esdras e Nehemias, como norma de vida da comunidade judaica de Jerusalém, e que se tornou o componente mais importante do nosso Pentateuco atual.

Esta última camada do Pentateuco, comumente denominada Código Sacerdotal, distinguiu-se muito, tanto pelo estilo como pelo conteúdo, das fontes mais antigas, especialmente do Jehovista e Eloista. A camada do Código Sacerdotal, que abrange sobretudo - afora alguns capítulos e Gênesis - a segunda parte de Êxodo, a íntegra do Levítico e a maior parte de Números, interessa-se bem pouco pela história do povo judaico, cedendo ao contrário, o maior lugar para os assuntos do rito, das leis, e preceitos, atinentes aos sacrifícios, deveres e privilégios dos sacerdotes. Os autores do Código Sacerdotal também encaram as tradições do povo sob aspecto diferente, interessando-lhes antes de tudo, não a narrativa em si, senão os assuntos da cronologia e da linhagem. O árido estilo burocrático de registro é geralmente característico para a camada do Código Sacerdotal. Assim, por exemplo, indica-se detalhadamente a data, quando começou o dilúvio: "No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezessete dias do mês". Da mesma forma é minuciosamente registrado o dia, em que cessou o dilúvio e as medidas da arca de Noé: "De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinquenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura". O lugar central ocupa na camada do Código Sacerdotal a descrição do Tabernáculo, o protótipo ideal do Templo.

O Código Sacerdotal dá uma impressão imponente, pela sistemática (particularmente o primeiro capítulo de Gênesis), mas o tratamento pormenorizado da genealogia e os detalhes cronológicos cansam muitas vezes o leitor.

A queda do reino, em geral, enfraqueceu grandemente o interesse pelos acontecimentos históricos. É significativo que as grandes coletâneas históricas, como sejam Reis e Crônicas, terminam a história do povo judeu com a destruição de Jerusalém. Possuímos, é verdade, ainda antes do início do período do segundo templo, excelente material histórico nas memórias de Esdras e Nehemias. Isto, porém, nada mais constituiu que um episódio, e foi só com o levante dos hasmoneus que despertou novamente em Judá o interesse pelos problemas e eventos históricos. (Daniel, Livro dos hasmoneus e outros).

LITERATURA PROFÉTICA NO CATIVEIRO DA BABILÔNIA E NA ÉPOCA DO SEGUNDO TEMPLO

Ainda na época do exílio, também pode a profecia apresentar uma porção de vultos consideráveis. De um modo geral, porém, a atmosfera do domínio estrangeiro não foi terreno propício para a inspiração profética, e a tradição

judaica considera a Ageu e Zacarias (atuaram em 515-520) como os últimos profetas. O manancial profético nem agora secou de todo, mas não se tem mais ânimo de falar em próprio nome, e na maior parte contentam-se apenas com suplementos e apêndices às palavras dos profetas antigos.

A figura mais relevante do tempo do cativo babilônico é sem dúvida o profeta da consolação, o autor de Isaias 40-55 (o "grande anônimo", como é qualificado por conhecido pesquisador bíblico, e que figura geralmente sob o nome de Isaias Segundo).

Se os profetas antigos vislumbravam sobretudo a aproximação da desgraça e a catástrofe nacional, Isaias já deixara a catástrofe atrás de si, e se considera por isso o mensageiro da redenção e do consolo. Se os profetas anteriores atuaram principalmente na praça pública, era Isaias o profeta da congregação religiosa no exílio - de um círculo restrito de correligionários. Falta-lhe, por esse motivo, o tom severo da repreensão. Ele não batalha contra um mundo de inimigos como Jeremias, mas vem, ao contrário, com a missão de fortalecer os fracos, levar ânimo aos corações desesperados.

As grandes vitórias de Ciro e a desintegração do império babilônico impressionaram profundamente o profeta e sem dúvida toda a sua geração. Isaias II via nesses históricos acontecimentos universais o dedo do Senhor. E Ciro era o enviado de D'us, para libertar o povo de Israel. O profeta do consolo pertence aos mais universalistas entre os pensadores da antiguidade judaica. O monoteísmo, a ideia de um único D'us todo-poderoso, que domina o mundo e realiza o seu desígnio na história, em parte nenhuma é apresentado com tanta clareza e coerência como em Isaias 40-55.

Mais ainda que nos outros autores bíblicos, ocupa por isso a natureza lugar proeminente na poesia de Isaias II. Os céus e a terra cantam, quando D'us vai redimir o seu povo. A redenção traz não só a libertação do jugo estrangeiro, mas também uma transformação radical em toda a ordem do universo. (Isaias 41):

"Os aflitos e necessitados buscam águas, mas nenhuma há e a sua língua se seca de sede: eu o Senhor os ouvirei, eu o D'us de Israel, não os desampararei. Abrirei rios em lugares altos, e fontes no meio dos vales: tornarei o deserto em tanques de águas e a terra seca em mananciais de águas".

A imaginação profética passa além dos limites da sóbria realidade, e continua tecendo o fio das antigas tradições populares sobre a época do paraíso, os milagres no deserto, etc.

LÍRICA LITÚRGICA

Às mais valiosas realizações literárias, no período do Segundo Templo, pertence a lírica litúrgica. Hinos laudatórios e preces aos deuses também havia na

Babilônia, Egito e outros países e muitas vezes encontramos nos hinos de Salmos vestígios do culto mundo circunvizinho. Mas, de um modo geral, o monoteísmo, as ideias religiosas inteiramente diversas de Israel e Judá, o destino especial do povo judeu - e os motivos nacionais, como é sabido, ocupam o lugar primordial nas orações judaicas - tudo isso criou condições especiais para o desenvolvimento da lírica religiosa, no período do Segundo Templo.

Em Israel, como em toda parte, a lírica religiosa estava inicialmente ligada aos serviços do Templo, como suplemento aos sacrifícios. As imponentes cerimônias nos sábados e feriados ou em outras ocasiões de eventos importantes na vida do povo, foram sempre acompanhadas de orações e hinos de louvor.

Igualmente, em tempos de calamidade nacional, como sejam: má safra, guerra, epidemia, etc., o povo se reúne para rezar. Proclama-se frequentemente um dia de jejum, e todo o povo, homens, mulheres e crianças, reúnem-se no Templo, e os sacerdotes então se dirigem a D'us em preces comoventes.

"Que os sacerdotes chorem entre a ante-sala e o altar e digam: Apieda-te, ó Senhor, de teu povo e não entregues a tua herança para ignomínia e desprezo dos povos".

Paralelo a isso já achamos na antiga literatura bíblica, particularmente nos Profetas, a prece individual, em que a pessoa se dirige a D'us, por ocasião de penosas privações e amarguras pessoais. Essas preces individuais, que ainda hoje apelam para a alma do homem comum, imprimiram cunho especial à lírica bíblica, e foram elas que tão tremenda popularidade proporcionaram aos Salmos, tanto no mundo judaico como no mundo cristão.

O segredo deste singular poder dos Salmos consiste em que o judeu simples do povo ali encontra o tom e os termos para abrir-se com D'us, o Todo-Poderoso e o Criador do mundo, como perante seu próprio pai, de um modo íntimo, cordial e direto, sem intermediários. Nesta prece silenciosa abre ele o seu coração perante o Criador, contando-lhe as suas aflições, o seu estado de ânimo e os seus anseios. Convém aqui observar que os hinos sálmicos foram em sua maior parte produzidos nos círculos das pobres e piedosas camadas sociais, que geralmente se achavam em oposição contra as esferas dirigentes, tanto da aristocracia leiga como da sacerdotal. Os cantores dos Salmos qualificam a si mesmos como aflitos e necessitados:

"Inclina, ó Senhor, os teus ouvidos e ouve-me, porque estou necessitado e aflito".

ou:

"Olha para mim e tem piedade de mim, porque estou pobre e aflito".

O "pobre" (oni) é aqui identificado com "hassid". Esses pobres e aflitos formam um mundo à parte. São eles que prosseguem nas antigas tradições dos profetas, cultivando especialmente os usos do celibato e da fé.

Excepcionalmente vigorosas são as passagens de Salmos, em que os poetas descrevem os seus íntimos sentimentos religiosos, as suas queixas e esperanças, e os seus anseios por unirem-se a D'us (êxtase religioso). Esse anelo de se achar perto do Criador dispõe muitas vezes de um sentido concreto. Ouvem-se aqui as vozes da imensa diáspora judaica, dos hassidim que viviam longe da santa "residência" de D'us. Em suas orações manifesta-se simultaneamente a sua nostalgia pelo lar nacional:

"Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim brama a minha alma por ti, ó D'us! A minha alma tem sede de D'us, do D'us vivo: quando entrarei e me apresentarei ante a face de D'us? As minhas lágrimas servem-me de mantimento de dia e de noite, enquanto me dizem constantemente: Onde está o teu D'us? ... Envia a tua luz e a tua verdade, para que guiem e me levem ao teu santo monte, e aos teus tabernáculos". (Salmos 42, 43).

Não obstante toda a sua orientação universalista, Isaias II continua entretanto a considerar Israel - o povo eleito, que está, porém, incumbido de desempenhar o papel de fanal para todos os povos. D'us, o Senhor de todo o universo, não se olvidará de seu povo: "Porque os montes se desviarão, e os outeiros tremerão; porém, a minha benignidade não se desviará de ti, e o concerto da minha paz não se mudará". Nas chamadas "Cantigas dos servos de D'us", que incontestavelmente pertencem a Isaias II, atinge a poesia profética o seu nível mais elevado. O profeta não nos revela, e sem dúvida intencionalmente, quem é na realidade o "servo de D'us", se é a um indivíduo que se refere, ou ao povo todo. De qualquer modo encontramos aqui, pela primeira vez na história, e em forma tão clássica, a glorificação do fraco e justo, do herói que toma sobre si os pecados e a culpa de todo um mundo:

"Era desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e como um de quem os homens escondiam o rosto era desprezado, e não fizemos dele caso algum. Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de D'us, e oprimido. Porém, ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho: porém, o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos". (Isaias, 53).

LITERATURA DE SABEDORIA

A literatura bíblica de sabedoria foi em parte produzida em rodas bem diferentes. Ela abrange o amplo terreno das normas práticas da vida e da filosofia religiosa. Fragmentos da antiga literatura de sabedoria judaica encontram-se espalhados quase por todos os livros bíblicos. Com especial

evidência manifestam-se as variadas formas literárias da antiga sabedoria judaica nos livros de Provérbios, Eclesiastes e Job. O livro Provérbios apresenta-nos uma coletânea de aforismos, sermões e normas de conduta. Os aforismos são, via de regra, breves e constam comumente de um verso duplo, e às vezes apenas de um verso simples:

"Melhor é pouco com justiça
do que a abundância de colheita com injustiça.

"O pobre fala com rogos
Mas o rico responde com dureza.

"Necessidade padecerá o que ama a galhofa
O que ama o vinho e o azeite nunca enriquecerá".

O livro de Job, a maior unidade literária que há no Velho Testamento, pertence incontestavelmente às mais valiosas obras da literatura universal. Aqui se aborda o problema da pessoa que sofre inocentemente, do justo, a quem D'us castigou. A questão do justo que vai mal e do ímpio que vai bem, da injustiça na ordem do universo, já se encontra nos profetas Jeremias e Habacuc, e continua sendo também nos séculos posteriores um dos problemas centrais do pensamento religioso judaico, que fecundou grandemente a mentalidade religiosa na época do Segundo Templo. Mas, em parte alguma foi este problema elaborado tão amplamente, e tratado com tanta coragem de espírito e liberdade mental, como no livro de Job. O anônimo autor conta primeiro a história popular de Job num prólogo em prosa. Em seguida vem a parte poética, em que o poeta nos apresenta, em forma de uma série de diálogos entre Job e seus amigos, os mais variados conceitos com respeito ao problema da possibilidade de se sofrer inocentemente.

Os três amigos de Job vivem arguindo: Se D'us te castigou, é porque és culpado. Confessa que pecaste. Job, por sua vez, mantém-se firme. Não pecou, e está sofrendo de todo inocentemente. E até se atreve a desafiar D'us para uma disputa. Mais arrojo ainda demonstra o autor, em dando razão a Job.

A forma do diálogo, segundo presumem alguns pesquisadores, é imitação do torneio de sábios, nas cortes reais ou principescas, torneios muito em voga no mundo antigo. Também é provável que o livro de Job nos apresente uma forma mais elevada da disputa processual (demanda com D'us), a que já nos referimos anteriormente. O que caracteriza o livro de Job é o seu vivo colorido universalístico, aliás não judaico, que se estende através do livro todo. Os personagens não são judeus. O nome de Jeová é substituído, na parte poética do livro, por Shadai ou Eloa; entretanto, não pode haver a menor dúvida de que o autor vivia num ambiente judaico. Este universalismo é geralmente peculiar ao estilo literário dos mestres de sabedoria, pois a sabedoria pela sua própria natureza, era anacional e acima de tudo individualista.

Nem Job se ocupa dos problemas da coletividade nacional, mas sim com o destino do indivíduo.

Sob aspecto diferente, o problema da sorte pessoal e felicidade individual é tratado no livro de Eclesiastes. Aqui o autor se oculta sob o nome de Eclesiastes (mestre ou pregador popular). Em outra parte, Eclesiastes se intitula rei de Israel e Jerusalém (pela tradição - Salomão, filho de David). Era de supor-se que o poderoso rei de Jerusalém fosse um dos homens mais venturosos. Eis que se revela o contrário. Eclesiastes, que tinha a oportunidade de gozar de tudo que este mundo possa proporcionar a uma criatura humana, vê com particular clareza, quão fútil é a vida humana. A ideia central, que domina o livro todo, é: "Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades; é tudo vaidade".

Por experiência pessoal sabe quão pouco valem a alegria e a felicidade humanas, e que é "preferível ir à casa de luto a frequentar festivais". O autor também não está satisfeito com a ordem moral do mundo:

"Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo sucede às bestas... e a vantagem dos homens sobre as bestas não é nenhuma".

Tão pouco acredita nas teorias novas que então surgiram a respeito da imortalidade da alma:

"Quem adverte que o fôlego dos filhos dos homens sobe para cima, e o fôlego das bestas desce para baixo da terra?".

Por aí se vê como era variada e multiforme a literatura bíblica na época do Segundo Templo. Eclesiastes e Job caminham, é verdade à margem da estrada tradicional, contudo não impediu isso a sua admissão nas Escrituras Sagradas. São depoimentos de uma vida espiritual livre, em que tomaram parte ativa todas as camadas da população judaica: os pobres e piedosos das cantigas de Salmos, os sacerdotes e levitas, os sábios e pensadores. Ao período do Segundo Templo também pertence a coleção de canções de amor do Cântico dos Cânticos (posto que aí se houvessem infiltrado canções mais antigas também), a maravilhosa história de Ruth, etc.

APOCALIPSE

No limite do período bíblico, acha-se o livro Daniel, uma das mais originais obras da literatura bíblica, escrita no tempo, e sob a impressão direta, das perseguições de Antioco. Aqui se nos apresenta a obra clássica da intitulada literatura apocalíptica, que tanto efeito exerceu sobre todo o desenvolvimento da criação literária entre os judeus, pelos fins do segundo templo.

Todo o livro Daniel consiste quase que exclusivamente em sonhos e visões. A época da profecia clássica, em que o profeta ouve a palavra de D'us, passara. Daniel está sendo informado dos desígnios de D'us através de visões, e

aprofunda-se nos livros velhos dos profetas, onde pretende descobrir o "fim dos tempos".

"Eu, Daniel, entendi pelos livros que o número dos anos, dos que falou o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos".

O livro apocalíptico retorna desse modo à forma originária da profecia, aos sonhos e às visões, que em Daniel, bem como nos livros apocalípticos posteriores, constituem entretanto apenas produto de investigações literárias. Aos apocalípticos falta a ligação direta com o auditor. Dirigem-se a leitores distantes e podem por isso por as suas próprias palavras na boca de um eminente visionário antigo. A par das imagens apocalípticas acerca do perecimento dos grandes impérios mundiais e o fim do tempo, encontramos no livro Daniel uma porção de histórias de martírio. Pela primeira vez se nos deparam na literatura bíblica narrativas de mártires, que sacrificam a vida pela sua fé religiosa. Também ouvimos aqui o eco dos tempos dos Hasmoneus. A ideia fundamental do livro Daniel, bem como da literatura apocalíptica em geral, é a seguinte: todo o poder e a glória do homem são, afinal de contas, apenas efêmeros, os grandes impérios mundiais nada mais representam que gigantes sobre pernas de barro. Existe apenas um poder único, que é imutável e eterno: E "seu governo - governo eterno, que não desaparece, seu reino jamais é destruído".

É este o último acorde da criação poética dos judeus, no período bíblico. Pela época, estilo e ordem de ideias, forma o livro Daniel uma ponte para a literatura do período pós-bíblico.

A LITERATURA PÓS-BÍBLICA ATÉ A ÉPOCA DA MISHNÁ

A compilação e a redação dos livros bíblicos foram concluídas durante o segundo século, a.e.c. Com isso também foi encerrado o cânone das Escrituras Sagradas, da "Lei escrita", e teve o seu início, segundo a tradição israelita, o período da "lei oral". Durante quatrocentos anos aproximadamente, até os dias de Rabi Iehuda Hanassí, o compilador da Mishna, não se conservou entre os judeus nenhum monumento literário. Seria, no entanto, puro engano admitir que no espaço desse tempo todo não tivessem os judeus produzido nenhum livro. Na Mishna e no Talmud mencionam-se os "Sefarim Hitzoniím" ou "guenuzim", livros excluídos, ou à margem, que não foram incluídos nas Escrituras Sagradas. Sabemos, igualmente, que além da lei oral dos fariseus, ainda existiam livros de outras facções e correntes religiosas entre os judeus - livros dos saduceus, livros dos "minim". Uma parte dessa literatura apócrifa foi preservada em outros idiomas, sobretudo em grego, pois os judeus de Alexandria também incluíram no conjunto das Escrituras Sagradas uma série de obras, consideradas na terra de Israel como "livros excluídos". Juntamente com a Septuaginta foram essas obras colhidas pela Igreja cristã, e ali conservadas até os dias presentes. De alguns livros até se perdera o texto grego, ficando somente as traduções em sírio, latim, etíope, eslavo-arcaico, etc. A literatura

judaica do período heleno-romano foi escrita em hebraico e aramaico (Palestina e Babilônia) e em grego (diáspora greco-romana). Aqui tratamos somente da literatura judaica em hebraico e aramaico, a qual se distingue, não apenas pela linguagem, mas também pelo fundo e pela forma, da contemporânea literatura greco-judaica.

Os livros apócrifos, em hebraico e aramaico, podem considerar-se em muitos sentidos, como transição da literatura bíblica para a ulterior literatura do Midrash; neles se sente relativamente pouco a influência do mundo grego.

Uma das mais antigas e valiosas obras da literatura apócrifa é o livro de "Provérbios de Ben-Sira" (lá pelos 200 a.e.c.), aliás o único apócrifo que traz o nome certo do autor. Todos os demais livros daquela época são anônimos ou pseudônimos. O livro de Ben-Sira pertence à literatura de sabedoria e muito se assemelha, pelo teor e pela forma, aos Provérbios de Salomão. Pelo que parece, o autor mesmo era lente de sabedoria e moral, e nos legou em seu livro o resultado de seu próprio trabalho pedagógico e suas experiências. Ideias novas não nos fornece o autor. Polemiza até, em alguns trechos, contra várias "inovações", e, em geral, é adepto da tradição e do "áureo caminho médio". A maior parte do antigo texto hebraico de Ben-Sira foi novamente encontrado na conhecida "Guenizá" de Cairo, nos fins do século passado.

Os livros Tobias e Judith, que pertencem aproximadamente à mesma época, são anônimos. Aqui temos diante de nós narrativas com objetivo didático. Registram-se as boas ações de seus personagens, para que as gerações vindouras sigam o seu exemplo. Pela sua forma, as histórias de Tobias e Judith podem ser igualadas às narrativas bíblicas de Ruth e Ester.

As guerras dos Hasmoneus despertaram novamente, em Judá, o interesse pelos acontecimentos históricos. O monumento literário mais importante, dos tempos da independência política dos israelitas, sob os Hasmoneus, é o livro "Hasmoneus I", que nos fornece uma excelente e valiosa descrição histórica das discriminações de Antioco, e da luta pela liberdade religiosa e nacional.

Ecos das guerras libertadoras, bem como das posteriores lutas intestinas em Judá, sob o domínio dos Hasmoneus, também se ouvem em muitos outros livros apócrifos, e na opinião de uma parte dos pesquisadores, até em certos capítulos de Salmos.

A maior parte dos livros excluídos pertence ao gênero de literatura apocalíptica e de Midrash, particularmente característica desse período. É um período de intensa agitação espiritual e forte tensão religiosa e política. Além disso, o povo não se preocupa com os interesses do presente e dedica-se sobretudo aos problemas da origem do universo e do "fim dos dias". Nunca floresciam entre os judeus tantos partidos e seitas religiosas e messiânicas como nos últimos dois séculos do período do Segundo Templo; jamais foram as tendências messiânicas tão fortes, dedicando-se tanto aos cálculos do "fim do tempo", como naquela época. A esse fato também se liga a literatura de "Hagadá e

Midrash", que se empenha em demonstrar, por meio de adequadas interpretações e "adaptações" de livros bíblicos, a veracidade desta ou daquela tese.

Uma coleção de visões escatológicas, a exemplo de Daniel, de vários autores, encontra-se no livro "Hanoch". Este herói pré-histórico tomara nota de tudo que vira e ouvira em sua viagem pelo mundo do Além. Hanoch desvenda-nos os mistérios de todos os mundos, do passado e do futuro. O livro de Hanoch constitui, pelo conteúdo, uma mistura de mitologia oriental, mística judaica e esperanças messiânicas.

À mesma época aproximada pertence o "Sefer Haiovlim", um "midrash" sobre Gênesis e os primeiros doze capítulos de Êxodo, que, a exemplo do livro "Hanoch", conservou-se numa tradução etiópica.

Outrossim tiveram a sua origem naquela época:

Os Testamentos das Doze Tribos, onde se narra como cada qual dos filhos de Jacó recomenda aos seus descendentes como comportar-se, mostrando-lhes com exemplos de sua própria vida, quais as transgressões a evitar e quais as boas ações a praticar.

O "Sefer Dameshek", também descoberto na "gueniza" de Cairo, escrito sectário, em que se fala numa "nova aliança"; na segunda parte do livro acham-se os regulamentos da seita.

"Tehilot Shelomo", hinos lírico-religiosos, com acerbos ataques contra os mundanos governantes hasmoneus. Este livro foi aparentemente escrito logo após a tomada de Jerusalém por Pompeu (63 a.e.c.).

Além disso ainda existem o "Sefer Baruch", "Aliat Moshe" e uma série de outros livros menores.

Nem a catástrofe nacional chegou a paralisar a vida espiritual de Judá. Aos mais importantes livros da Pós-Destruição pertencem a "Apocalipse Baruch" e particularmente o denominado "Esdras IV". Ambos os autores estão sob a impressão do desastre nacional, e buscam consolo nas visões da futura redenção. O autor de "Esdras IV" aborda ainda uma série de complexos problemas ético-religiosos, e o livro todo é repassado de um intenso pessimismo. A par da sorte de seu povo, aflige-o o problema da humanidade em geral, e muito se comove até com a tragédia do ímpio, que está por ser condenado no Dia do Juízo, que se aproxima.

À literatura judaica ainda pertencem, em parte, os escritos, lendas e tradições da primitiva comunidade cristã. Não pode haver dúvida de que Jesus e seus discípulos mais velhos ensinavam e pregavam em língua da Terra de Israel. Os ditos e parábolas de Jesus, citados no Novo Testamento, são genuinamente judaicos e se podem comparar aos ditos e parábolas do Talmud e do Midrash.

Muitas bênçãos e orações judaicas conservaram-se na liturgia cristã. Foi somente na segunda e terceira gerações que o grego se tornou a literatura dominante e a língua de propaganda no mundo cristão.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA

(Fontes não-Judaicas)

Do mundo civilizado no antigo Oriente, exceto a Bíblia, não ficou conservado nenhum monumento literário. A queda dos antigos impérios da Babilônia, Assíria, Egito e Pérsia, levou ao desaparecimento dos velhos povos orientais, excluindo os judeus.

Durante quase dois mil anos, eram os livros bíblicos e as obras dos escritores greco-romanos, a única fonte de informação sobre o lendário mundo oriental antigo. Somente as pesquisas arqueológicas dos últimos cem anos chegaram a escavar as soterradas ruínas das antigas regiões civilizadas perto do Eufrates, Tigre e Nilo, e a despertar para a vida as silhuetas de uma época culta de aproximadamente quatro mil anos. A pá dos investigadores descobriu para nós não só cidades e palácios antigos, como também a vida espiritual daqueles povos, onde ficava o berço da nossa cultura contemporânea; as suas criações literárias e artísticas e a sua concepção religiosa do mundo. Graças a isso, a imagem que temos hoje da vida do antigo Oriente é inteiramente outra, e o nosso horizonte histórico ampliou-se grandemente, no tempo e no espaço.

Também a pesquisa histórico-israelita muito aproveitou com as fontes recentemente abertas, e só agora vem surgindo diante da nossa vista, o cenário cultural-histórico em que se desenrolara a vida judaica dos tempos antigos.

As relações econômicas, políticas e espirituais entre Israel e os povos circunvizinhos já se percebem muitas vezes na literatura bíblica, onde encontramos frequentemente os nomes da Babilônia, Assíria, Pérsia e outros. Mas os materiais arqueológicos, recentemente descobertos, habilitam-nos a apurar com mais precisão a natureza dessas relações, e demonstram-nos as influências dos grandes centros civilizados da Ásia Menor e do Egito sobre a cultura material e espiritual da Síria e da Palestina. Outrossim oferecem-nos os materiais arqueológicos a possibilidade de aquilatar mais ou menos objetivamente a originalidade e o caráter exclusivo do desenvolvimento espiritual e social-político de Israel.

É preciso, no entanto, ter em mente que o nosso material está longe ainda de ser completo, e que apenas dispomos de fragmentos do patrimônio cultural relativamente rico do mundo antigo. Isto, aliás, também se aplica a Israel, onde a Bíblia frequentemente só fornece notícias isoladas e por vezes apenas alusões sobre acontecimentos e fenômenos de real importância na vida judaica.

De um modo geral podemos, entretanto, afirmar, baseados nos materiais existentes, que: no que diz respeito a civilização material, eram os israelitas, na sua maior parte, discípulos dos seus mais velhos e adiantados vizinhos; na vida espiritual, porém, revelaram excepcional independência e uma originalidade criadora.

BABILÔNIA E ASSÍRIA

Os informes históricos de fontes assírias formam um complemento muito precioso aos relatos dos livros bíblicos e auxiliam-nos principalmente a controlar e corrigir a cronologia bíblica. Pela primeira vez, só vamos encontrar o nome de Israel nos textos assírios, lá pelo século nove antes da era cristã (853), por ocasião do encontro de Salmanassar III - nas imediações de Carcar, na Síria - com o exército aliado das potências sírio-palestinos.

Dos monumentos assírios, que se relacionam com Israel, o mais importante é o famoso Obelisco Negro do rei Salmanassar III (859-829). Essa pedra, que mede uns dois metros de altura, acha-se no Museu Britânico, em Londres. Nela estão gravados, em três filas, as imagens dos povos vencidos por aquele monarca, levando tributo para o rei vencedor. A segunda fileira, no alto, representa israelitas levando tributo (842). Este obelisco é valioso por nos oferecer um quadro figurativo dos tipos e trajes israelitas, como os via o artista assírio.

Imagens de judeus da época bíblica também se encontram em outros monumentos assírios. Existe um baixo-relevo do rei assírio Senaquerib, o qual foi descoberto no lugarejo de Quidjique, onde antigamente ficava a cidade de Nínive. Nesse baixo-relevo, que também se acha em Londres, representa-se a subjugação da cidade de Lachish em Judá, (701 a.e.c.). No quadro também se vêem judeus conduzidos para a presença do rei.

São também de muita importância os informes assírios sobre as suas guerras com Israel e a queda de Samária.

Do mesmo modo foram descobertos documentos relativamente detalhados, a respeito do sítio de Jerusalém na época de Ezequias, os quais completam os relatos da Escritura Sagrada. Não menos valiosas são as notícias descobertas nos materiais assírios sobre a época de Menassé. Por outro lado, ressentem-se as fontes bíblicas da falta de notícias a respeito das últimas guerras com Judá e a destruição de Jerusalém. Além dos monumentos que se relacionam diretamente com Israel e Judá, foram encontrados muitos materiais assírios, babilônicos, e mais tarde também hamíticos (textos religiosos, obras literárias, etc.), os quais indiretamente nos ajudam a melhor compreender o desenvolvimento econômico e a evolução do povo judeu na antiguidade, especialmente a sua conexão íntima com a cultura dos demais povos daquela época.

Requer-se naturalmente o maior cuidado quando se fazem deduções baseadas em cotejos literários. Semelhança de tema, ideias e até de expressão, são

frequentemente o resultado de análogas situações e semelhantes condições de vida.

Os influxos babilônicos percebem-se com clareza nos primeiros capítulos de Gênesis, nas narrativas sobre a criação do mundo e a história primitiva da humanidade. Neste particular é muito instrutiva a descrição babilônica do dilúvio, a qual se assemelha à história bíblica, não só em sua ideia central, que aliás é difundida pelo mundo inteiro, mas também em alguns detalhes curiosos, como se verifica, adiante, pelo confronto do texto babilônico com o texto bíblico.

Na narrativa babilônica é o próprio personagem do dilúvio, Utnapishtim, quem conta as suas experiências, ao passo que em Gênesis fala-se de Noé na terceira pessoa. Há também no fundo consideráveis diferenças. Na narrativa babilônica faltam principalmente as razões éticas da destruição do mundo, como as encontramos em Gênesis. Outra variação importante é introduzida pelo monoteísmo bíblico. Não obstante, ainda assim é bem evidente, como demonstra o confronto que segue, a dependência do autor de Gênesis da fonte babilônica mais antiga. Eis os dois textos comparados:

TEXTO BABILÔNICO

No monte Nissir parou o navio. O monte Nissir deteve o navio, não o deixando balançar... Quando repontou o sétimo dia, soltei uma pomba, deixando-a voar. A pomba saiu e voltou; porque não achou repouso, ela voltou. Soltei uma andorinha, deixando-a voar. A andorinha saiu e voltou, porque não encontrou repouso, ela voltou. Soltei um corvo, deixando-o voar. O corvo saiu, viu que a água cessou... e não voltou mais. Então fui soltando (sempre) por todos os quatro ventos, e ofereci um sacrifício, ofereci um holocausto no cume do monte.

TEXTO BÍBLICO

E foram as águas indo e minguando... e apareceram os cumes dos montes. E aconteceu que ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela da arca e soltou um corvo, que saiu indo e voltando até que as águas se secaram de sobre a terra. Depois soltou uma pomba, a ver se as águas tinham minguado sobre a face da terra. A pomba porém não achou repouso para a planta do seu pé e voltou a ele para a arca; porque as águas estavam sobre a face de toda a terra... e esperou ainda outros sete dias, e tornou a enviar a pomba fora do arco, e a pomba voltou a ele sobre a tarde; e eis arrancada, uma folha de oliveira no seu bico, e conheceu Noé que as águas tinham minguado sobre a terra. Então esperou ainda outros sete dias, e enviou a pomba, mas não tornou mais a ele... E então Noé saiu e sua mulher e seus filhos... e tomou de todo o animal limpo e de toda a ave limpa e ofereceu holocaustos sobre o altar.

Nos outros paralelos babilônicos, a semelhança dá menos na vista, sendo até provável que, em casos isolados, se trate de analogias casuais. Mas seja como

for, o certo é que tradições e concepções babilônicas eram também conhecidas em Judá e Israel e que certas ideias e motivos, de uma forma mais ou menos modificada, foram também incluídos na literatura bíblica.

Monumento bem importante neste setor é o Código Hamurabi. A pedra em que o referido código está gravada, foi descoberta nas ruínas da cidade de Susa (Sushan) na Pérsia, no inverno de 1901-1902. O texto do código foi pela primeira vez publicado, por V. Sheil, em 1902, causando logo uma grande sensação.

Muitos sábios pretendiam ver nas leis do Pentateuco simples imitação, ou cópia modificada do Código de Hamurabi. A denominada escola "Pan-Babilônica" (H. Vinkler, A. Jeremias e outros) encontrava nisso especial confirmação de sua tese: que todos os povos da Ásia Menor - inclusive os judeus - hauriram toda a sua sabedoria na Babilônia. Mas, hoje em dia, rejeita-se este "babilonismo" exagerado, do fim do século dezenove e princípios do século vinte. Não há que negar as semelhanças e conexões, porém, numa pesquisa mais acurada também aparecem claramente a diferença e a originalidade do desenvolvimento espiritual em Israel.

Já apontamos as diferenças fundamentais - ético-religiosas - na descrição do dilúvio. Ainda mais nítida é a dissemelhança entre os documentos legislativos da Babilônia e de Israel.

Efetivamente, algumas leis avulsas do Pentateuco assemelham-se, segundo a sua formulação, às respectivas normas em códigos babilônicos, sendo até provável que o direito babilônico, e particularmente o Código de Hamurabi, estivesse conhecido na Palestina também. Porém, de um modo geral, quando confrontamos o direito bíblico com o do Oriente antigo, ressalta mais a diversidade que a semelhança. O direito babilônico cuida em primeiro plano de proteger a vida e os bens do cidadão, determinando severos castigos não só por assassinio como também por roubo e furto. Ao passo que as leis bíblicas visam antes de mais nada a proteção dos socialmente fracos, e defendem os salarizados, os servos, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas. Enquanto as outras leis do antigo Oriente contêm, por exemplo, disposições para assegurar os direitos do credor, encontramos no Pentateuco, aos invés disso, uma série de leis que favorecem o devedor.

O mesmo se pode afirmar em relação ao direito escravista. Em Deuteronômio proíbe-se expressamente a entrega de um escravo, que fugisse de seu amo, ao passo que pelo Código de Hamurabi aquele que esconde um escravo fugido merece pena de morte. Ainda em muitos outros detalhes se notam consideráveis diferenças entre as leis bíblicas e as da Babilônia, diferenças que se explicam principalmente pelas condições econômicas e político-sociais de Israel.

EGITO

Geograficamente, a Palestina é situada muito mais próximo do Egito que da Mesopotâmia, e não há dúvida de que as suas relações econômicas também eram mais intensas com o país do Nilo do que com as regiões do Tigre e Eufrates. Apesar disso, o que menos se sente na Bíblia é a influência espiritual do Egito. A antiga terra civilizada do Nilo, que já possuía atrás de si uma história de três mil anos, quando Israel ensaiara os primeiros passos, era geralmente mais retraída e revelava menos ambição para expansão política e espiritual dos que os universais impérios mesopotâmicos. Não obstante, era o Egito uma potência mundial com amplos interesses políticos e econômicos no mundo daquela época, e muitas vezes promovia guerras para conquistar a Palestina, que sempre fora importante ponto de contacto internacional. Durante os séculos 15-13 a.e.c., eram os egípcios quem dominavam a Palestina e, como se verifica pelas tradições bíblicas, tribos israelitas habitavam então as zonas limítrofes do Egito. Nas fontes egípcias não se encontrou até o presente nenhuma referência que confirmasse as narrativas da Bíblia sobre a permanência e êxodo dos judeus daquele país. Contudo, a maioria dos pesquisadores julga haver fundo de verdade nessas narrativas, e certa prova disso também vêem no número relativamente grande de nomes e expressões egípcias, que se encontram nos respectivos capítulos do Pentateuco. Até nomes judaicos tais como Moisés e Pinhas, são de origem egípcia. O nome "Israel" acha-se nas fontes egípcias, pela primeira e única vez na denominada Pedra-Mernepta - monumento triunfal do rei egípcio Mernaptac (pelos 1125-1215 a.e.c.). Israel é ali citado juntamente com Asquelon, Guezar e Yenoam. Pelo que parece, Israel então dominava uma pequena parte da Palestina. Trezentos anos depois o monarca egípcio Sisaque invadiria Israel e cobraria tributo de Roboão de Judá. Essa vitória é perpetuada numa gravação em alto-relevo, que se acha na parede norte do afamado templo de Carnaque.

Historicamente muito valiosos, são os cadastros urbanos da Palestina e Síria, os quais se acharam em maior número, entre os materiais egípcios na célebre parede de Tutmatis (pelos 1550 a.e.c.).

Dos textos literários - que no Egito não eram escritos em tábuas de argila senão em papiro - merecem especial menção os provérbios do sábio Amanemope, cujo texto achado data de 1000 a.e.c. Encontra-se ali considerável número de paralelos aos Provérbios de Salomão. Parte dos provérbios da coleção egípcia repete-se literalmente nos capítulos 22-23 dos Provérbios da Bíblia. Há quem considere, por esse motivo, que o autor judaico tivesse à sua frente o texto egípcio.

Em geral porém, era a cultura egípcia mal vista em Israel, e os círculos proféticos combatiam com veemência as tendências pró-egípcias e, a par disso, as influências espirituais daquele país - "maassei mitzraim".

É isso provavelmente uma das razões por que na literatura bíblica tão pouco se sente a influência egípcia.

ESFERA CULTURAL SÍRIO-PALESTINA

As escavações também nos trouxeram material mais ou menos abundante a respeito dos vizinhos diretos de Israel e Judá; os povos da Palestina e da Síria. Antes de mais nada releva lembrar as Tábuas-Amarna (século 14 a.e.c.), descobertas no Egito na aldeia de Tel-Amarna. Entre outras coisas foi ali achado avultado número de cartas, dirigidas por príncipes cananeus ao governador-mor do Egito, as quais nos dão uma ideia sobre as condições da Palestina antes da imigração judaica. As Tábuas-Amarna ainda foram redigidas na escrita e língua babilônicas - aliás um depoimento do vasto influxo babilônico no antigo Oriente. Por uma série de observações feitas sobre os textos babilônicos, pode-se verificar que já naquela época falava-se em Canaã um dialeto hebraico. Os remotos habitantes da Palestina achavam-se portanto idiomáticamente próximos dos filhos de Israel, o que aliás fica também confirmado pelos frequentes nomes hebraicos das cidades cananeias (Bet-El, Quiriat-Sefer e outras). Esses textos, ultimamente achados em profusão, demonstram que na realidade não há grande diferença entre o idioma fenício (cananeu - os fenícios eram cananeus) e o hebraico antigo. O ambiente cultural sírio-palestino também se destacou pela sua própria escrita - um sistema alfabético que mais tarde foi aceito pela maioria dos povos civilizados.

O mais antigo monumento escrito em alfabeto fenício-hebraico é a inscrição no sarcófago de Abram, descoberto em 1923, em Bebeos (séculos 12-13 a.e.c.).

Muito mais importantes ainda são os textos, ultimamente descobertos (a partir de 1929) no norte da Síria, perto de Minet-El-Beida, não distante de Lataica, onde ficava, no segundo milênio da era cristã, a cidade portuária de Ras-Shamara, ou Ugrit. Os textos de Ras-Shamara datam mais ou menos do século 14 a.e.c., e são escritos em caracteres cuneiformes babilônicos. Mas o curioso é que esses caracteres cuneiformes possuem um significado bem diverso, e que nos apresentam um sistema alfabético inteiramente novo, até agora desconhecido, constante de 28-29 letras.

A linguagem dos referidos textos é um antigo dialeto fenício-hebraico, com certa propensão para o aramaico. Além da descoberta de um novo alfabeto, na esfera cultural sírio-palestina - o que demonstra quão forte era ali o anseio por libertar-se da tutela espiritual da Babilônia - os textos de Ras-Shamara ainda possuem, pelo seu conteúdo, alto valor cultural-histórico. Afora uma série de textos rituais, foram ali também achados alguns poemas mitológicos, que nos fornecem uma visão do ambiente divino da antiga Fenícia; da imaginação religiosa dos cananeus.

Embora a sua concepção religiosa do mundo seja bem diversa do que a da Bíblia, podem-se entretanto observar certos pontos de contacto, que nos provam a influência da cultura fenícia sobre Israel. Outrossim, foi descoberto, no meio daqueles textos, um Poema-Daniel, por onde se pode verificar que o vulto bíblico de Daniel tem sua origem numa fonte fenícia mais antiga. Disso, parece, já tinha conhecimento o profeta Ezequiel, ao dirigir-se ao rei Ciro com esta interrogação: "Porventura és tu mais sábio que Daniel?"

Parece verossímil que nos textos ras-shamaricos mencionam-se as tribos israelitas de Asher e Zebulun. Bem intensa era a influência fenícia sobre o ritual judaico de sacrifícios. Cumpre salientar de passagem que o Templo de Salomão foi construído com cooperação e segundo os planos de artistas fenícios. Por outro lado, é muito problemático, se o nome de "Io-Elet", encontrado num pequeno fragmento de um texto religioso, se refira ao mesmo nome de "Jehová" das Escrituras Sagradas.

Em geral é preciso frisar que a adaptação científica dos textos ras-shaméricos ainda se acha em estado embrionário; a interpretação e o sentido de muitas passagens ainda não foram bem esclarecidos, e apesar do seu indubitável alto valor, apresentam-nos por enquanto mais problemas que soluções.

Monumento histórico de alta importância, na esfera cultural sírio-cananeia, constitui a Pedra-Mesha (letreiro em hebraico), encontrada no antigo Moab. O rei moabita, Mesha, aliás, mencionado na Bíblia, reinou nos tempos de Jeoram-Ben Ahab, isto é, pelo ano de 850 a.e.c. Nesse monumento descreve Mesha a penosa situação em que se achava o seu país, quando obrigado a pagar tributo aos reis de Israel; como libertara o país do domínio estrangeiro e chegara até a conquistar uma parte da antiga região de Israel.

A declaração de Mesha, rei moabita, confirma e completa as referências do livro bíblico Reis, e nos fornece algumas informações de real valor a respeito das condições da Transjordânia daquela época.

LETREIRO DA PEDRA MOABITA

Eu sou Mesha, filho de Quemosh (Gad), rei de Moab, de Dibon. Meu pai reinou sobre Moab trinta anos e eu me tornei rei após meu pai. Preparei este Santuário para Quemosh, em Quirha (um santuário de) Josué. Porque ele me amparou em todas as minhas tribulações (?) e deixou-me ver a derrota de todos os meus inimigos. Omri era rei de Israel, e ele maltratou Moab muito tempo, porque Quemosh irou-se contra o seu país. E depois dele reinou seu filho, e este também enunciou: "hei de torturar Moab", nos meus dias ele (o) enunciou.

E eu vi vingança nele e na sua casa. E Israel está abandonado para todo o sempre. Omri subjugou a terra de Mehedeba. E aqui ficou residindo durante o tempo de seu reinado e uma parte do reinado de seus filhos, quarenta anos, e durante o meu reinado aqui habitava Quemosh. E eu edifiquei Baal-Meon e construí ali o depósito de água, e edifiquei Quiriathan. Os homens de Gad habitavam na terra Ataroth desde tempos remotos, e para si próprio o rei de Israel construiu Ataroth. E eu invadi a cidade e subjuguei-a. Matei todo o povo da cidade, deleite para Quemosh e Moab. Levei de lá o altar de Dodhe, e arrastei-o até Quemosh, em Quirioth. Povoei ali os homens de Sharon e os homens de Meheroth. E Quemosh falou-me: "Vai tomar Nebó de Israel". E eu fui de noite e pelejei desde a madrugada até o meio-dia. E eu tomei-a. E matei

todos, sete mil homens e meninos e mulheres e meninas e servas. Porque os tinha devotado a Ashtor-Quemosh. Levei dali os vasos de Jehová e os arrastei até diante de Quemosh. O rei de Israel construiu Iahatz e ali se instalou, quando guerreou comigo. Mas Quemosh expulsou-o da minha frente. E eu tomei a Moab duzentos homens, todos chefes (?) e eu os levei até Iahatz e subjuguiei-a.

A fim de anexá-la a Dibon. Edifiquei Quirsha, a parede do bosque e da fortaleza. Construí as suas portadas e construí a sua torre, e construí o palácio real, e construí o reservatório (para água) no centro da cidade. E não havia cisterna em Quirsha, e eu falei ao povo todo:

Cave cada qual para si um poço para água em sua casa. E mandei cavar poços por prisioneiros de Israel. Construí Eror, e abri a estrada de Arnon.

Ergui Beth-Ramoth, pois estava destruída. Reconstruí Batzer, porque estava em ruínas

...Cinquenta homens de Dibon, porque Dibon toda está mobilizada. E reinei... sobre cem cidades, unindo-as ao meu país. E construí Mahadba, e Beth-Davaltan e Beth-Baal-Meon e tomei ali... as ovelhas da terra. E Hurgon, onde residia...

Aqui falou-me Quemosh: "Vai guerrear contra Hurgon", e eu fui.

E Quemosh instalou-se aqui no meu tempo.

...E eu...

ESFERA CULTURAL HELENO-ROMANA

Com o surgimento do império persa, começa a decadência dos mais antigos países cultos, que durante três mil anos mantiveram a chefia do mundo antigo. As línguas e sistemas de escrever da Babilônia e Egito estão sendo expulsos do uso e, nos primórdios da era romana, desaparecem completamente. Na era persa, é o aramaico que se torna a língua dominante, e na era heleno-romana - o grego. Com os caracteres cuneiformes também desaparecem as tábuas de barro e o seu lugar ocupa o pergaminho, sobretudo o papiro. Também se tornam mais raros os textos em monumentos de pedra. Na verdade a arte de escrever está sendo agora mais difundida, mas por isso mesmo, menos conservada para as gerações vindouras, pelo fato de não ter o novo material gráfico demonstrado suficiente capacidade de resistência contra os estragos do clima e do tempo. Exceção, neste particular, abre o Egito, onde os textos de papiro, em virtude do clima seco, foram preservados por espaço de milhares de anos.

A partir da época da diáspora babilônica, quando se inicia a disseminação dos judeus pelo mundo inteiro, nem sempre podemos distinguir entre materiais arqueológicos israelitas ou não israelitas.

Incluimos portanto neste relatório - desde que não se trate de tão importantes achados arqueológicos como os Papiros Elefantinos, Documentos Morashu e as Catacumbas Romanas - uma série de textos e monumentos judaicos. A maior parte destes materiais forneceu-nos o Egito, onde foi descoberta uma quantidade relativamente considerável de textos em papiro, os quais se referem aos judeus. Constam, na maioria das vezes, de documentos comerciais, acordos jurídicos, atas de processos, recibos de impostos, testamentos, etc. Esses documentos dão-nos assim certa ideia sobre as condições econômicas dos filhos de Israel no Egito, sua situação jurídica e suas relações com a população gentia. Além do mais, fornecem-nos os mencionados materiais uma série de informações preciosas sobre a expansão das comunidades judaicas no país.

Os documentos arqueológicos mais antigos, antes da era grega, os quais dizem respeito aos judeus, datam dos meados do século três a.e.c. Cumpre lembrar que do século dois antes da era cristã ficou conservado um texto em papiro - contas comerciais de um negociante judeu - escrito em aramaico. Num papiro do tempo do imperador Troiano (113-114 a.e.c.) estão anotadas umas contas municipais de abastecimento de água, entre as quais se acha a de uma Casa de Estudos, que pagava mensalmente uma soma exorbitante (128 dracmas). Presume-se que a dita casa de estudos estivesse ligada a um tanque de abluções (micvê). Descobriram-se documentos arqueológicos em Leontópolis, onde ficava outrora o Templo de Honio. Documento histórico de alto valor constitui a carta do imperador Cláudio do ano 41 (três anos após o famigerado massacre contra a população judaica de Alexandria). Nessa carta concita o imperador as duas partes, judeus e gregos, a porem fim aos conflitos. Aos gregos dirige-se o imperador, exigindo que respeitem os direitos dos judeus e de não lhes impedirem o cumprimento de seus usos religiosos; aos judeus adverte Cláudio que não se intrometam nos jogos ginásticos dos gregos, que não reclamem novas prerrogativas e que não tragam para Alexandria correligionários de outras regiões, do Egito ou de Israel.